

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL - DEZEMBRO 1945 - 1946 ANO XVI - XVII

Solicita-se permuta. — Exchanges are solicited. — On demande l'échange. — Rogamos canje. — Wir bitten um Ausstausch von Publikationem. — Si sollecita contraccambio.

ANO XVI - XVII

DEZEMBRO - 1945 - 1946

N.º Único

63º Fez 5/46

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL

Órgão oficial da Liga Brasileira de Higiene Mental
(Registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda em 6/10/940)

Redator-chefe:
Presidente da Liga — Prof. Dr. HENRIQUE ROXO

Redator responsável:
EUDÓXIO PAIVA DE ARAÚJO

Redator secretário:
Dr. OSWALDO CAMARGO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça Getúlio Vargas, n.º 2 - Edifício
6.º andar - Salas 610-611
RIO DE JANEIRO - B'

LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL

Reconhecida de utilidade pública pelo Decreto n.º 4.778,
de 27 de dezembro de 1923.

SEDE CENTRAL: EDIFÍCIO ODEON, SALAS 610-611
TELEFONE: 22-3720 — RIO DE JANEIRO

Ambulatório Central:

Edifício Odeon — 6.º andar — Sala 610

Ambulatórios:

Instituto de Psiquiatria — Clínica do Prof. Maurício de Medeiros
Avenida Venceslau Braz — (Praia Vermelha)

DIRETORIA

Presidente — Prof. Dr. HENRIQUE ROXO
Vice-Presidente — Prof. Dr. ADAUTO BOTELHO
Secretário — Prof. Dr. SILVIO ARANHA DE MOURA

CONSELHO EXECUTIVO

Plínio Olinto
Raul Bittencourt
Xavier de Oliveira
Nelson Bandeira de Mello
Neves Manta
Júlio Paternostro

ANO XVI - XVII

DEZEMBRO DE 1945 - 1946

N.º Único

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL

SUMÁRIO

	Pags.
Nota aos leitores	3
Mais de 40 anos de magistério	6
Relatório da Diretoria da Liga	8
Problemas de Higiene Mental, Prof. Henrique Roxo	14
A Higiene Mental nos Estados Unidos, Dr. Oswaldo Camargo ...	17
Os pedidos de licença sob o aspecto psiquiátrico, Dr. Júlio Paternostro	31
O problema do desajustamento em neuróticos e doentes mentais, Prof. Henrique Roxo	44
O problema da imigração em face da Higiene Mental, A. Lira Cavalcanti	52
Henrique Roxo e a terapêutica das doenças mentais, Dr. Ibrahim Jorge	55
Espírito e atividade da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Helena Antipoff	59
Assistência Médico-Social ao funcionário público	70
Resumo das Atas das Reuniões da Liga	75

NOTA AOS LEITORES

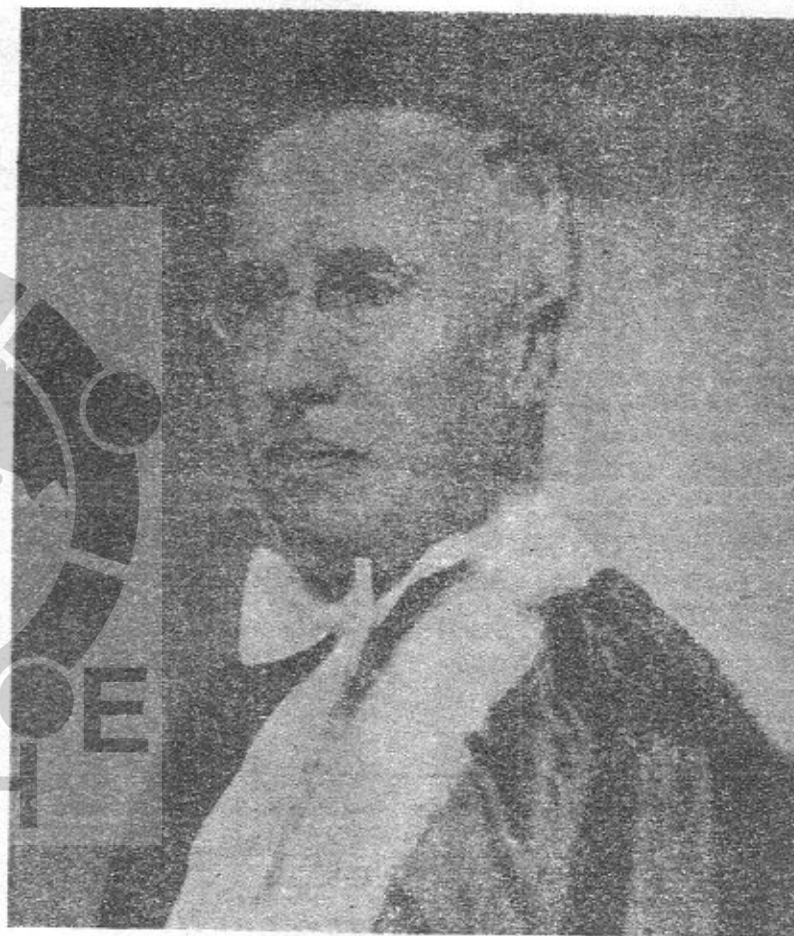
Uma série de contratempos, tão comuns neste após-guerra, veio impedir que os "Arquivos" se editassem com a regularidade a que os nossos leitores já se haviam habituado.

Repositório das atividades da Liga Brasileira de Higiene Mental e difusor de ensinamentos úteis à população em geral, sobre assuntos concernentes à saúde do espírito, esta revista orgulha-se de poder apresentar aos seus inúmeros leitores, desde os primórdios da organização da Liga, uma súpula atualizada de tudo que vai pelo campo de profilaxia das doenças mentais em nosso País e em várias outras regiões do globo.

E' essa, aliás, uma das finalidades precípuas da benemérita instituição fundada por Juliano Moreira, Gustavo Riedel, Ernani Lopes e Henrique Roxo, há mais de 20 anos.

Não faltando a êsse compromisso, embora reunindo, por motivo de força maior, dois números em um, a revista hoje aparece com a indicação cronológica "Dezembro de 1945 — Dezembro de 1946", esperando no próximo ano poder regularizar por completo a sua publicação.

A Redação.



Prof. Henrique Roxo, presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, a quem foram prestadas excepcionais homenagens pela classe médica brasileira, por motivo de sua recente jubilação no magistério, tendo-lhe sido conferido pela Reitoria da Universidade do Brasil o honroso título de "Professor Emérito".

MAIS DE 40 ANOS DE MAGISTÉRIO

A 4 de Julho de 1945 completava o Prof. Henrique Roxo o seu 68.º aniversário natalício, devendo ter-lhe sido concedida nessa ocasião a aposentadoria compulsória na cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, consoante os dispositivos da lei.

Atendendo entretanto ao apelo formulado pelos estudantes e secundado pela congregação, que não se conformavam em se ver privados, uns e outros, das suas magníficas lições e do seu convívio enobrecedor e áustero, deliberara o governo abrir uma honrosa exceção, permitindo que os doutorandos de 1945 continuassem sendo guiados até o fim do curso pelo mesmo mestre e amigo, que tôdos idolatravam.

E somente a 17 de Dezembro, por ato assinado na pasta da Educação e Saúde, era aposentado o grande luminar da psiquiatria em nossa Pátria, cujos meritórios serviços foram então postos em relêvo pelo ministro Raul Leitão da Cunha, em nome do governo, através expressiva carta do teor seguinte:

"Rio, 18 de dezembro de 1945. Exmo. Sr. Prof. Henrique Roxo: Cumpro o grato dever de, ao referendar o decreto que aposentou o Exmo. colega em obediência a imperativo da legislação em vigor, manifestar-lhe, em nome do Sr. Presidente da República e no meu próprio, os agradecimentos do Governo pelos grandes serviços prestados por V. Excia. ao ensino e à medicina pátria.

Além de mestre consumado da psiquiatria brasileira, pôde V. Excia. revelar superiores qualidades no exercício do magistério e raro desinteresse pessoal nos períodos em que dedi-

cou a sua inteligência e as suas energias ao elevado mister de dirigir a Faculdade Nacional de Medicina.

Esperando que V. Excia. continue a prestar ao Brasil o concurso dos seus méritos, aproveito o ensejo para reiterar a segurança da minha cordial amizade.

(a) Raul Leitão da Cunha,
Ministro da Educação e Saúde".

Mais de 40 anos consagrou o Prof. Henrique Roxo ao ensino. Tendo sido interno do Hospício de Alienados da Práia Vermelha em 1898 e interno da Clínica Psiquiátrica de 1899 a 1900, ano em que se doutorou, foi logo em seguida nomeado assistente daquela Clínica. Exerceu interinamente a cátedra de 1904 a 1907, em substituição ao Prof. Márcio Nery. Em 1911 foi nomeado professor substituto efetivo. Em 1921 era promovido a professor catedrático da Clínica Psiquiátrica e nomeado diretor do Instituto de Psicopatologia da Assistência a Alienados, mais tarde convertido em Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

Ao grande mestre e amigo, ao dinâmico e insuperável presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, a redação dos "Arquivos" apresenta suas calorosas homenagens, associando-se, de coração, a tôdas as inúmeras manifestações de apreço que lhe vêm sendo prestadas pela classe médica, pelas associações científicas e pela sociedade brasileira, a que êle tem servido com a luz da sua inteligência privilegiada, com o imenso cabedal de sua experiência na profissão e, sobretudo, com a amenidade de seu coração, a par de tantos outros dotes que exornam a sua personalidade de escol.

A Redação.

RELATÓRIO

(Apresentado pelo Prof. Dr. Henrique Roxo, Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, e referente às principais ocorrências de sua gestão durante o ano de 1945).

Durante o ano de 1945, prosseguiu a Liga Brasileira de Higiene Mental no seu plano de realizações, tendo sido feitas conferências a respeito de assuntos interessantes e procurando-se dar desenvolvimento aos Ambulatórios que continuaram a atender um número avultado de doentes mentais e nervosos, fornecendo-se gratuitamente remédios a muitos deles e mesmo alimentação aos que vindos de muito longe, eram acompanhados de crianças.

Muitos casos exigiam internação, o que foi logo feito, realizando-se assim uma verdadeira e cuidadosa profilaxia da doença mental.

No futuro, o tratamento do psicopáta será mais frequentemente feito fóra do ambiente nosocomial, e às Ligas de Higiene Mental caberá o principal papel no impedir a doença e facilitar a cura.

Os Ambulatórios da Liga devem ser difundidos. A afluência de consulentes cresce cada vez mais e muitos deles residem em Subúrbios longínquos e saem de casa bem cedo e ficam sem alimentação até quase meio dia, hora em que conseguem ser atendidos. Outros encaminham-se para os Consultórios na sede da Liga, que estão abertos à tarde, mas são insuficientes, tornando-se necessários dois Ambulatórios: um na Tijuca e outro nos subúrbios.

Outro objetivo que tenho para 1946, é que todos os doentes do Ambulatório, recebam, além de consulta e orientação, re-

médios. Isto já vem sucedendo com alguns, aos quais nós, médicos, temos dado remédios que recebemos de amostra.

Para isto se torna preciso que seja aumentada a verba de que a Liga dispõe, a qual é evidentemente, escassa. O número de Consultas foi de 5.607 (cinco mil seiscentos e sete). Foram elas dadas respectivamente por mim 3.990; pelo Dr. Rodrigo Ulysses, 519; pelo Dr. Aranha de Moura, 192; pelo Dr. Henrique Novaes Filho, 507; pelo Dr. Albino Vaz, 282; pelo Dr. Sartori, 69; pelo Dr. Brahim Jorge, 24; pelo Dr. Bandeira de Mello, 24.

A visitadora social, que é funcionária da Liga, fez numerosas visitas ao domicílio de doentes de Ambulatório, particularmente quando se tratava de crianças. Isto é hoje elemento de grande importância, não só porque se apuram as condições em que vivem os doentes, seus desajustamentos, seus conflitos domésticos, como também porque ela pôde orientá-los no modo de agir, no interesse da cura, encaminhando-os a serem internados, si isto fôr indispensável. Apresenta ela sempre um relatório, do qual temos vários exemplares arquivados.

Doentes de Ambulatório que tinham necessidade de Convulsoterapia pelo cardiasol ou pelo eletrochoque, e que não desejavam ser internados, ou a família não queria que tal sucedesse, foram encaminhados ao uso da Convulsoterapia no Instituto de Psiquiatria, como doentes externos.

Todos os exames de Laboratório foram realizados com a nota de gratis.

O balancete anexo demonstra a aplicação das verbas que a Liga recebeu como subvenção. Assinale-se o inconveniente que há, em ser ela recebida quase no fim do ano, tornando-se difícil, às vezes, a realização em dia de pagamentos inadiáveis.

De todas as Ligas de Higiene Mental é a nossa uma daquelas que têm mais realizações e que menos recebe como subvenção.

Podemos nos ufanar do conceito de que ela dispõe entre suas congêneres, tendo sido colocada em lugar de destaque nos projetos de realização de dois Congressos de Higiene Mental, um internacional, outro inter-americano ou pan-americano.

Nas reuniões mensais que a Liga manteve em 1945, procurou-se torná-las mais interessantes, convidando consócios a realizarem Conferências a respeito de assuntos da atualidade, determinando assim uma maior concorrência.

Em 6 de Março de 1945, houve uma assembléia geral ordinária da Liga para a leitura do Relatório e Prestação de contas referentes ao ano de 1944, de acordo com o artigo 24, parágrafo 1.º dos Estatutos. Deram parecer sobre a prestação de contas os Drs. Pedro Pernambuco Filho, Laudelino de Oliveira Lima e Otto Prazeres, os quais declararam ter encontrado tudo em perfeita ordem e exatidão e propuzeram fôsse aprovado o balancete e fôsse consignado em ata um voto de louvor ao Presidente.

O Relatório do Presidente foi minucioso, consignou tudo que foi feito e mostrou que foram dadas 5.872 consultas. Assinalou que o número destas tinha sido maior do que em anos anteriores, pois tinha sido de 1.557 em 1940, 3.542 em 1941, 3.739 em 1942 e 4.362 em 1943.

Houve sessão em 13 de Março, em que a Assembléia aprovou todos os atos realizados e tomou conhecimento de moções de louvor ao Ministro Dr. Ataúlpho de Paiva e à Diretoria da Liga.

Na Assembléia Geral de 5 de Abril de 1945, o Prof. Dr. Brahim Jorge fez uma conferência a respeito da **penicilina na neurolues**. Citou um caso de sua clínica particular, em que por meio de injeções intravenosas de penicilina, houve uma grande melhora no quadro clínico e as reações se tornaram quasi negativas. Foi muito discutido o caso pelos Profs. Adauto Botelho e Aranha de Moura, tendo sido todos concordes em assinalar o grande valor clínico da conferência.

Na assembléia geral de 15 de Maio de 1945, o Prof. Henrique Roxo, fez um discurso a propósito da cessação da guerra na Europa, tendo tido palavras de grande e justo entusiasmo pelo acontecimento e de merecido louvor para com os nossos soldados pela maneira patriótica e heróica com que se houveram na guerra, inflingindo derrotas sobre derrotas aos inimigos da humanidade.

.. Em seguida, o Prof. Aranha de Moura fez uma conferência a respeito da **necessidade dos exames de liquor e tratamento precoce para a profilaxia das psicoses**. Apresentou um grande número de arquivos-clínicos de pacientes internados no serviço que dirige na Colônia Juliano Moreira, os quais apresentavam sintomas os mais variados, e se transformavam e curavam, logo que, alertados pelas provas de laboratório, os médicos faziam tratamento específico enérgico. Descreveu, outrossim, o Prof. Aranha de Moura o método da piritoterapia associada, com as modificações originais nele impressas. Mostrou o valor econômico e social do processo de se fazer desde cedo o exame do liquor e o tratamento específico. Henrique Roxo, Xavier de Oliveira e Otto Prazeres, comentaram a conferência e lhe teceram os maiores encômios.

Na Assembléia Geral de 10 de Julho de 1945, o Prof. Xavier de Oliveira, externando-se sobre as personalidades da psicóloga Dra. Helena Antipoff e Prof. Lourenço Filho, propôs, que a Liga os convidasse para realizarem conferências na sede desta.

Nesta mesma sessão, anteriormente, DD. Helena Antipoff e Inez Besouchet tinham pedido inscrição como sócios da Liga e mostraram desejo de contar com o apoio da Liga à Organização Pestalozzi.

No dia 31 de Julho de 1945, houve uma Assembléia Geral, em que a psicóloga D. Helena Antipoff, Diretora Técnica da Sociedade Pestalozzi no Brasil, fez uma Conferência em que mostrou alguns dos projetos, bem como as intenções e o espírito desta Sociedade. Discorreu longamente a respeito do tratamento, educação e reajustamento das crianças e adolescentes anormais. O Prof. Henrique Roxo teceu merecidos elogios à brilhante conferencista, que deixou ótima impressão.

Na Assembléia Geral de 6 de Setembro de 1945, o Dr. Oswaldo Camargo, então recém-chegado dos Estados Unidos, fez uma longa e interessantíssima conferência a respeito da **Higiene Mental nos Estados Unidos**. Mostrou êle que as Clínicas de Higiene Mental que antigamente apenas existiam junto aos hospitais psiquiátricos, são hoje parte integrante dos grandes Hos-

pitais Gerais. Também existem clínicas de formação de hábitos nas creches e jardins de infância. Foram criadas seções de higiene mental, junto às Côrtes Juvenis. Cadeiras de higiene mental estão influenciando poderosamente no preparo do magistério das escolas públicas. No Instituto de Higiene Mental de Washington, os médicos atendem aos filhos e aos pais, sendo que no ano de 1944, o número de consultas aos pais atingiu cerca de 60% do movimento geral da Clínica. Há grande difusão de conhecimentos de higiene mental entre elementos do clero, que muito influem junto à população. Há também a utilização do médico de família como pessoa habilitada na solução dos problemas e conflitos emocionais dentro das pequenas comunidades, onde não haja médicos psiquiatras. Mostrou que o ensino da Psiquiatria é feito obrigatoriamente na Columbia University em 3 anos e na Cornell University em 4 anos.

Em seguida, o Dr. Camargo fez entrega ao Prof. Henrique Roxo de duas mensagens, assinadas respectivamente pelo Prof. Nolan Lewis, Catedrático de Psiquiatria, da Universidade de Columbia e George Stevenson, diretor executivo do Comitê Nacional de Higiene Mental dos Estados Unidos, em que, a propósito do jubileu do Prof. Roxo, lhe tecem os maiores elogios.

Na Assembléia Geral de 11 de Setembro de 1945, houve discussão a respeito de questões da vida interna da Liga. Houve Assembléias Gerais em 9 de Outubro e 6 de Novembro de 1945. Na primeira foi promovido interinamente, a Vice-Presidente o Prof. Aranha de Moura no impedimento do Prof. Adauto Botelho, em viagem nos Estados Unidos, e eleitos os Drs. Júlio Paternostro, para Secretário Geral e Dr. Oswaldo Camargo para membro do Conselho Executivo.

Nessa reunião o Dr. Camargo fez uma palestra sobre "Congressos de Higiene Mental", historiando o que se tem feito nos Estados Unidos, quais as vantagens desses certames, qual a técnica de sua organização, e tecendo considerações sobre o projetado congresso que aqui seria realizado de comum acordo com a Liga Argentina e também sobre o protelado Congresso Inter-

nacional, assuntos esses sobre os quais teve ocasião de trocar idéias com os dirigentes das entidades norte-americanas.

Na sessão de 6 de novembro o Dr. Júlio Paternostro fez uma interessante conferência sobre "Os exames de licença, sob o aspecto psiquiátrico", a qual foi bastante comentada e aplaudida.

O número dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, correspondente ao ano de 1945, está em vias de impressão. Do mesmo modo que no ano passado, a demora da publicação é justificada pelo fato de se desejar englobar no número a sair, todas as Conferências realizadas em 1945. Todas elas foram muito interessantes e justificarão o interesse na leitura e permuta dos Arquivos com as Revistas congeneres.

A subvenção do Governo Federal foi de Cr\$ 20.000,00 e do Governo Municipal foi também de Cr\$ 20.000,00, as quais foram depositadas, em parte, no Banco do Brasil e, em parte, no Banco Boavista.

Quaisquer outros esclarecimentos que se tornem precisos e que sejam solicitados pelos companheiros da Liga, serão prontamente por mim fornecidos, cabendo-me agradecer as constantes e sinceras provas de estima e apreço que durante o ano transato continuaram a me ser dispensadas.

PROBLEMAS DE HIGIENE MENTAL

Prof. Henrique Roxo

Encarando cada ano, sob este título, aquilo que no momento mais tenha interessado, deve-se salientar que em 1945 houve acentuada preocupação de analisar o problema de desajustamento de neuróticos e mentais, investigar como o Estado possa agir no caso e esmerilhar como se possa impedir que cresça cada vez mais o número de internados nos Hospitais de Alienados.

No momento atual, existe o desejo de se evitar recolher ao Hospício doentes que se possam tratar em casa. A internação dos não agitados ou não agressivos concorre para que eles fiquem irritados com a família, muitas vezes desajustados definitivamente com ela.

A pleiade de doentes nos hospitais não permite que eles tenham conforto. Demais, há uma mistura de pessoas de diversas condições sociais, de educação defeituosa, o que torna muito desagradável a estadia em asilos de alienados.

As Ligas de Higiene Mental tendem cada vez mais, a tomar papel muito importante na profilaxia da doença mental.

Ambulatórios devem ser difundidos pela cidade. Pessoas que se sintam nervosas ou em que se tenham constatado distúrbios psíquicos, são ali examinadas e medicadas. São orientadas em relação à forma de serem tratadas. O médico deve averiguar as condições do meio em que vive o doente. Visitadoras sociais, que nos serviços modernos de alienação mental desempenham papel de grande monta, devem cumprir as ordens

dos médicos e averiguar detalhes da vida dos pacientes em domicílio, e apurar a existência, ou não, de perfeito ajustamento.

Sempre deverá o clínico fazer psicoterapia. O exame do doente deve ser minucioso, detalhado. O médico deve explicar ao doente quando for possível, a razão de ser do que ele sente.

Não basta dar a receita: é preciso explicar o que se visa com ela. Si o doente estiver calmo, não estiver cheio de alucinações ou ilusões, estiver acomodado no meio, não haverá motivo para o afastar daí.

Si o doente estiver agitado, deve ser imediatamente internado em uma Casa de Saúde ou Hospício de Alienados.

Hoje em dia, faz-se uma injeção de sonifene ou de luminal ou dá-se um choque, de cardiazol ou de eletrochoque. As vezes, isto basta e acalma o paciente.

Crises maniaco-depressivas podem curar-se em dias.

Outras vezes, doentes ficam socegados e depois voltam a agitar-se. A repetição dos tratamentos feitos, pode curá-los de vez. E a família ou o Estado, pode fazer assim uma grande economia.

Há casos de parafrenia, ou de delírio sistematizado alucinatorio crônico ou de esquizofrenia, em que cousa alguma se consegue.

Não se poderá dizer a uma pessoa que tem alucinações, que ela está dominada por estas. Deve-se explicar que aquilo que ela escuta e não corresponde à realidade, é feito de uma excitação dos centros nervosos que se poderá curar.

Interpretações delirantes, não alucinatorias, poderão ser esclarecidas. Si houver um exame cuidadoso, bem orientado, antes do indivíduo ser internado, poderá suceder que isto se não torne preciso.

O diagnóstico certo, realizado nos primeiros dias da doença, poderá permitir que a cura se antolhe mais fácil.

Pode-se bem dizer que a maioria das doenças mentais é perfeitamente curável, mormente si forem elas atendidas nos seus primeiros tempos.

Sempre em qualquer hipótese, deve-se apurar a causa provocadora do mal. Em muitos casos tudo é removível. Nesta

última situação, há às vezes desajustamento, incompatibilidade de meio, diante dos quais nada conseguiremos.

A tara hereditária pode concorrer muito para que tudo se mostre pior. Em relação à doença mental, deve-se fixar bem a importância que têm anomalias de raciocínio e de conduta, e a pouca significação que no caso têm distúrbios da cenestesia. Isto é mais próprio do neurastênico. Este não é evidentemente um alienado.

Podem aparecer reações maiores ou menores para o lado do sistema nervoso. Nisto influem o estado de meiopragia deste, o coeficiente hereditário, o estado de auto-intoxicação ou toxinfecção, a situação social ou familiar.

Todo e qualquer doente que examinarmos deve ser analisado individualmente. O clínico deve sempre firmar-se em casos concretos.

São pontos de vista que sempre deveremos tomar em consideração.

A HIGIENE MENTAL NOS ESTADOS UNIDOS

Pelo Dr. Oswaldo Camargo
(Ex-fellow do Commonwealth Fund e do
Institute of Inter-American Affairs)

Depois de ter sido plenamente constatado que as doenças mentais — apesar dos modernos tratamentos que ultimamente vêm surgindo na literatura médica — não oferecem um índice de cura tão elevado como a maioria das demais doenças, e que, além disso, a recuperação do doente mental se processa, via de regra, a longo prazo, surgiu na classe médica a inevitável noção de que o problema se resolveria com maior presteza se fossem assentadas todas as baterias no terreno da profilaxia. Muito mais fácil e menos dispendioso é prevenir do que curar as doenças do espírito.

A questão da prevenção tem dado margem a certo debate em alguns círculos científicos. Há os que não querem confundir "profilaxia" com "higiene". A higiene mental, na América do Norte, tem uma importância muito maior que a própria assistência psiquiátrica. Estou de acordo com Fábio Sodré quando afirma que aquilo que nós chamamos profilaxia, isto é, o tratamento dos fronteiriços, o ataque de rijo as manifestações prodrômicas que podem conduzir à loucura, toda esta clássica atividade de ambulatório a que estamos acostumados a assistir aqui e alhures, pode perfeitamente ser enquadrada no capítulo da Higiene Mental.

Para os americanos, a higiene mental é o conjunto de normas de bem viver que conduzem à felicidade. Desde o berço,

com a formação de hábitos, até à velhice bem orientada nos preceitos da disciplina corporal e espiritual, tudo que o homem aprende e pratica no sentido de levar uma vida bem equilibrada, com pleno ajustamento ao ambiente e à comunidade que o cerca, nada mais é do que Higiene Mental.

O combate à sífilis e ao alcoolismo, a esterilização dos anormais, a exigência do exame pré-nupcial, etc. constituem para muitos autores, principalmente europeus, medidas profiláticas e não apenas higiênicas. São providências mais enérgicas e objetivas, tocando mais de perto a avalanche do mal que se avizinha, em contraste com a **higiene mental** representada pela clínica de hábitos, que visa objetivos muito mais remotos.

Os americanos englobam tôdas essas medidas no mesmo capítulo da higiene, no que creio estarem certos.

Feito êste ligeiro preâmbulo, passemos a focalizar os meios de que eles lançam mão na prevenção das doenças mentais.

Antes de abordar aquelas medidas mais radicais, (esterilização, etc.) relembremos um pouco as origens do movimento de higiene mental nos Estados Unidos, porque foi dêsse movimento que nasceram os demais no continente americano, inclusive o nosso, lançado há 23 anos pelo saudoso Gustavo Riedel e pelo insigne Ernani Lopes, a quem presto a homenagem da minha maior veneração. Deve-se a Clifford Beers a fundação do Comité Nacional de Higiene Mental nos Estados Unidos, em 1909. Os primeiros passos da higiene mental, ali, se resumiram na realização periódica de conferências e publicações, a cargo de médicos e leigos interessados na matéria. Foi uma fase difícil, que nem sempre encontrou eco na totalidade da população. Mas daí foram surgindo novos métodos de propaganda, mercê dos quais tornou-se possível colocar a profilaxia das doenças mentais no plano de esplendor em que hoje se encontra. Uma das inovações consistia na atuação direta junto ao público por meio de clínicas de higiene mental anexas aos hospitais psiquiátricos. Uma das grandes vantagens dessas clínicas consistia no aproveitamento do pessoal técnico

e dos recursos do hospital no funcionamento dos dispensários. Isso, porém, não era o bastante, pois uma grande maioria de casos ia erroneamente bater às portas dos hospitais gerais. Crearam-se clínicas junto a êsses hospitais. Mais tarde verificou-se o quanto era útil essa providência, a julgar pelo magnífico desenvolvimento que vem tendo a medicina psico-somática, a ponto de quasi todos os grandes hospitais gerais estarem contratando médicos psiquiatras para trabalharem ao lado dos clínicos e cirurgiões. E não sem razão, pois as estatísticas coligidas pelo National Committee revelam que uma percentagem elevadíssima, talvez 75%, das úlceras pépticas e 80% das asma possuem uma motivação psicogênica.

A seguir veio a criação de clínicas especiais de "ajustamentos" junto às Côrtes Juvenis, constituídas da conhecida equipe — psiquiatra, psicologista e assistente social, talvez uma das melhores coisas que existem no terreno prático da higiene mental, pois que cauterisa diretamente a chaga da delinquência infantil e leva o exato remédio para o desajustamento social, a instabilidade emotiva, as desordens de conduta.

O aparecimento das Child Guidance Clinics, ou sejam as clínicas de orientação infantil, veio dar um impulso tremendo ao estudo dos problemas da criança do ponto de vista social e emocional. William White já dizia que a infância era a idade de ouro da higiene mental, a idade da máxima receptividade, aquela em que a atuação profilática se coroava do mais estrondoso sucesso. Clínicas de formação de hábitos foram também criadas nas crèches e jardins de infância das principais cidades.

O problema da higiene mental da criança não podia, porém, estar circunscrito apenas à atuação das clínicas. Era preciso armar o professorado das escolas com conhecimentos básicos do problema, afim de o habilitar a agir em muitos casos como colaborador número um das clínicas especiais. Para isso foi criada a cadeira de higiene mental na maioria das escolas normais, medida essa cuja importância é desnecessário encarecer.

A vida da criança, entretanto, gira entre dois polos — o lar e a escola. De nada adiantaria preparar-se o magistério, quando em muitos casos é no próprio lar que se encontra o foco a corrigir. Como resolver o problema dos pais neuróticos, desajustados, que muitas vezes são os únicos responsáveis pela situação de desajustamento dos filhos? Daí nasceram as clínicas especiais de higiene mental, onde pais e filhos são examinados ao mesmo tempo e recebem as indicações terapêuticas adequadas a cada caso. Em Washington tive ocasião de acompanhar os trabalhos do Instituto de Higiene Mental, instalado num belo prédio no centro da cidade e mantido por donativos coletados anualmente pelo Community Chest. Funciona todos os dias, de manhã à tarde. Um grupo de 4 médicos, 2 psicologistas e um batalhão de assistentes sociais psiquiátricos atendem as consultas. Os casos enviados procedem das escolas, das agências sociais, das organizações de trabalho, etc. havendo ainda os que se apresentam diretamente à consulta. Pois bem, só no ano passado, o movimento de consultas foi assim dividido: 60% pais e 40% filhos. Quer dizer que em maior número de casos verificou-se caber aos pais o desajustamento, que indiretamente se refletia na conduta anormal dos filhos, tanto na escola como na comunidade. Maior soma de esforços teve de ser empregada em corrigir a situação dos pais. A atuação terapêutica desse Instituto de Higiene Mental se processou mais com adultos do que com crianças. Aliás, o pessoal que ali trabalha está dividido em duas equipes, uma especializada em lidar com os problemas de adultos, outra com crianças. Logo à primeira ou segunda entrevista, as assistentes sociais psiquiátricas conseguem surpreender o verdadeiro foco do problema e então encaminham a pessoa ao especialista, na sala competente.

O Comitê Nacional de Higiene Mental verificou o quanto é vantajoso disseminar conhecimentos de higiene mental entre os membros do clero. Ninguém desconhece a grande influência que exercem os sacerdotes no seio das massas. Através de inteligente trabalho de propaganda, conseguiu-se levar o ensino dos preceitos básicos dessa higiene aos seminários e

escolas de formação de sacerdotes, sem distinção de seitas ou doutrinas. Na Universidade Católica de Washington, a cadeira de psiquiatria e higiene mental está entregue a um notável psiquiatra, o padre T. Moore, que também leciona no seminário e já conseguiu duas grandes coisas: a criação de um Centro de Higiene Mental, anexo à Universidade, com avultado movimento de consultas à população em geral, e o estabelecimento de uma Escola de Enfermagem Psiquiátrica dentro da Universidade. Hoje em dia é comum nos Estados Unidos assistir-se nas igrejas os sermões dominicais entremeados de referências à saúde do espírito, às normas que se devem observar para conservar a mente bem equilibrada, para se evitar o desencadeamento das desordens mentais. Essa atuação do clero ainda se torna mais eficiente em certas igrejas onde há a oportunidade da troca íntima de idéias, entre os fiéis e os pastores, seja no confessionário, seja nas pequenas reuniões paroquiais.

Para se fazer com uma larga percentagem de êxito a prevenção das doenças mentais, seria preciso que se puzesse a serviço da causa não apenas os psiquiatras, mas toda a classe médica em geral. É sabido que um grande número de pessoas em fase inicial de desajustamento psíquico acompanhado de manifestações somáticas, procura de preferência o médico clínico. Se o clínico não estiver revestido de sólidos conhecimentos psiquiátricos, ao menos os conhecimentos básicos, não conseguirá surpreender as verdadeiras origens da doença, e quando o faz, mais tarde, já o paciente tem a sua doença enraizada, necessitando então de longo tratamento, ao invés de simples medidas de prevenção, como seria o caso se fôsse logo descoberto.

Nos Estados Unidos essa questão foi muito bem compreendida pelos responsáveis pela formação de médicos. A cadeira de psiquiatria, em muitas universidades, se desdobra para que o ensino abranja 2, 3 ou 4 anos seguidos, muito em contraste com o que se passa no Brasil, onde essa importante matéria é lecionada apenas no 6.º ano e pelo espaço de somente um semestre. O ensino da psiquiatria na Columbia Univer-

sity é feita em 3 anos. Na Cornell University esse ensino é em 4 anos, obedecendo a um programa muito interessante e prático, que abordarei na próxima conferência, quando falar do ensino e da assistência.

Como veem, o estudante quando se diploma não sai apenas clínico ou cirurgião, mas leva consigo conhecimentos bastante sólidos de psiquiatria e higiene mental. Se for clinicar no interior, em cidades sem grandes recursos, onde tiver de "topar tudo", como se costuma dizer, ele será um completo médico de família, resolvendo com a maior facilidade os casos de doença somática, como também sabendo surpreender os conflitos emocionais de seus clientes, afim de tratá-los desde logo ou então encaminhá-los a tempo para os especialistas em outros centros maiores.

O exame pré-nupcial é uma das armas usuais na profilaxia das doenças mentais. Entre nós ele não existe, porquanto tendo sido recomendado em caráter apenas voluntário e não obrigatório, seria ridículo esperar que ele viesse de fato produzir algum efeito na mentalidade das massas, ainda não preparadas para aceitar essa excelente medida preventiva. Na América do Norte ele é obrigatório na maioria dos Estados. Em alguns, o atestado deve ser passado por repartição oficial, em outros, basta a assinatura do médico particular. O povo ali está suficientemente educado para compreender a vantagem de tal providência e aceita-a sem constrangimento.

Em 11 Estados é proibido terminantemente o casamento de epiléticos. Em 5 outros Estados a lei determina que tais casamentos só podem ser permitidos se a mulher for maior de 45 anos.

Na Carolina do Norte só é permitido ao epilético casar-se após submeter-se à esterilização. Em Virgínia a lei determina que o epilético não poderá casar-se até que a mulher tenha 45 anos de idade, caso a doença seja hereditária, sendo essa hereditariedade assentada no fato de um dos progenitores do epilético ter sido também epilético.

Os oligofrênicos também não podem casar-se. Quanto aos demais casos, a lei é variável conforme o estatuto de cada

Estado. Os Estados Unidos formam uma confederação de 48 Estados, todos muito ciosos de sua própria autonomia e possuindo cada qual suas leis próprias, que em muitas instâncias, diferem grandemente das leis de Estados vizinhos.

A apresentação do atestado médico entre os papéis que habilitam ao casamento, constitui quase que regra geral.

No que se refere à esterilização, uma grande celeuma tem sido levantada em várias partes do mundo, sendo grandes os ataques que se fazem a essa medida eugênica. Há uns 15 anos atrás, os Estados Unidos estavam tendo a liderança na campanha favorável à esterilização. As operações ali foram praticadas em grande escala em numerosos hospitais de alienados, mas, em virtude da grita que surgiu pela imprensa e pelos círculos médicos, em parte açulada por organizações religiosas, esse procedimento profilático decaiu bastante. A Constituição de vários Estados ainda permite tais operações, ficando as mesmas a critério dos diretores de estabelecimentos psiquiátricos, sempre que se objetive a defesa dos interesses sociais da comunidade. Em certos Estados elas são permitidas, somente após obtido o consentimento da família do doente.

A Califórnia tem sido o Estado leader em esterilização como medida de profilaxia das doenças mentais. Até o ano passado, foram ali praticadas um total de 16.517 operações sendo 8.387 em homens e 8.130 em mulheres. Só no ano de 1944 foram realizadas 397 operações, das quais cerca de 60% em mulheres e 40% em homens. Dessas operações, 45% tiveram lugar em hospitais psiquiátricos e as restantes em instituições para oligofrênicos.

A questão do aumento espantoso do número de oligofrênicos, que se observa ano a ano em todas as comunidades, é uma questão muito séria que deve ser encarada com o maior rigor, dentro do capítulo da prevenção das doenças mentais. Nos Estados Unidos os oligofrênicos são recolhidos a colônias e estabelecimentos especiais. Há algumas colônias que recebem epiléticos e oligofrênicos, mas a tendência agora é de separar completamente essas duas classes. O número de oli-

gofrênicos internados é de 102.000, o que representa uma despesa tremenda para a nação. O número de epiléticos internados é superior a 40.000. Há 153 estabelecimentos de internação para oligofrênicos e para epiléticos. Apenas em 5 Estados não existem estabelecimentos especiais para essa classe de enfermos. A Conferência da Criança, realizada na Casa Branca em 1930, revelou existir nos Estados Unidos 850 mil oligofrênicos em idade escolar. Calcula-se que atualmente apenas 10% dos oligofrênicos estejam internados, os demais 90% permanecendo na comunidade por falta de instalações tanto para recolhimento como para tratamento extra-mural. Já existem amplas provisões para o tratamento de escolares retardados, em certos Estados. Em Massachusetts, por exemplo, existem nas escolas e nas instituições mais de 900 classes especiais para retardados, com cerca de 12.000 alunos. Os diretores de escola fazem no fim do ano uma relação dos alunos que estão atrasados 3 ou mais anos no trabalho escolar e os encaminham ao exame dos psiquiatras e psicologistas. O resultado desse exame é encaminhado às autoridades escolares do distrito. Sempre que houver 10 ou mais crianças nessas condições, é criada uma classe especial na escola. O interessantíssimo trabalho dessas classes especiais é da mais alta importância, porquanto previne na criança o desenvolvimento de um sentimento de inferioridade cada vez mais marcante pela repetição dos cursos, pela falência em avançar como os demais alunos. As classes especiais figuram como ótimo fator na prevenção das doenças mentais.

Campanhas anti-vênereas e anti-alcoólicas constituem também medidas de higiene mental. Nos Estados Unidos a educação sexual entrou na fase de rotina e é feita tanto nos ginásios como nas escolas superiores, preparando a mocidade para um dos capítulos mais importantes da vida humana. Os psiquiatras sabem perfeitamente como o fator sexual prepondera em um grande número de neuroses. Com a educação sexual objetiva-se também o combate à sífilis e doenças venéreas. Em muitas cidades de grande aglomeração humana, principalmente agora durante a guerra, foram instalados postos de higiene se-

xual, com funcionamento ininterrupto, onde se atendiam aos que necessitassem de qualquer medida profilática e ao mesmo tempo se distribuíam folhetos de caráter educativo.

O alcoolismo é combatido vigorosamente por uma série de entidades interessadas no bem estar social. Em artigo que enviei de Baltimore para o Prof. Henrique Roxo, presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, por ocasião da nossa semana anti-alcoólica, no ano passado, tive oportunidade de apontar as 3 poderosas organizações que estão conduzindo a campanha contra o alcoolismo nos Estados Unidos, a saber: a classe médica, o clero e os antigos alcoolistas. Dizíamos então "Foram os médicos, principalmente aqueles que se dedicam à psiquiatria, os primeiros a dar o brado de alerta: as estatísticas hospitalares estavam acusando um aumento considerável no número de admissões atribuíveis ao álcool. O Departamento de Higiene Mental do Estado de Nova York, publicou um trabalho mostrando que em 30 anos, isto é, de 1909 a 1938, 15.475 pessoas foram internadas nos hospitais de loucos daquele Estado, por apresentarem psicoses alcoólicas. O Bellevue Hospital, que é uma espécie de Assistência Municipal da cidade de Nova York, admitiu no mesmo período cerca de 240 mil indivíduos embriagados, não se descriminando quantos deles já portadores de moléstia mental. As Ligas de Higiene Mental, que nos Estados Unidos são em grande número e com amplo apoio oficial e particular, secundaram o alarma e passaram a encetar vigorosa campanha educativa sobre o assunto. Fundou-se em Nova York o Conselho de Pesquisas sobre os Problemas do Alcool, dirigido por professores de várias universidades e com o apoio financeiro de diversas fundações filantrópicas, com o objetivo de estimular e orientar as investigações científicas a respeito desse problema e dos meios para combatê-lo. Em 1942 o Conselho de Pesquisas iniciou a distribuição de fundos, no valor de 1.250 contos, aos hospitais e escolas de medicina que se candidataram a realizar tais estudos. Dez importantes pesquisas sobre a atuação do álcool estão quasi concluídas, e 32 outras estão se iniciando ou prontas para se iniciar, dependendo de nova coleta de fundos. As investigações mais acuradas es-

tão sendo feitas no departamento de fisiologia da Universidade de Yale, a cargo do prof. Jellineck. Nessa mesma Universidade, que fica apenas uma hora distante da cidade de Nova York, foi criada a Escola de Estudos Sobre o Alcool, a qual oferece, nas férias do verão, um curso intensivo de 6 semanas a respeito de educação anti-alcoólica. Esse curso é assistido por grande número de pessoas interessadas, principalmente membros do cléro e do magistério".

Isso foi o que escrevi no aludido artigo. Devo acrescentar que também foi criado há pouco, pelo grupo de Yale, o Comité Nacional de Educação Anti-alcoólica, que se propõe a fazer a disseminação, entre o público, dos conhecimentos oriundos de pesquisas científicas. Em Baltimore, em setembro do ano passado, foi criado o Comité Nacional de Higiene Alcoólica, de que sou um dos fundadores, integrado pelo grupo da Johns Hopkins University e presidido por Selliger, instrutor de psiquiatria da Phipps Clinic. Esse Comité tem dado à publicidade vários livros e também um boletim mensal, que é distribuído aos sócios.

O cléro tem tomado parte saliente em todas as campanhas anti-alcoólicas na América do Norte. A Igreja Católica e a Protestante Presbiteriana são **pró-temperança**; admitem a bebida em doses muito moderadas, mas combatem acerbamente o abuso do álcool. Há congregações mais radicais: a Metodista, a Batista e a Cristã Científica são **proibicionistas**. A organização União Cristã Feminina Pró-Temperança, com sede nos Estados Unidos e universalmente conhecida, foi batizada com um nome errado: ela não objetiva apenas a temperança, mas a completa abstenção. Os representantes do cléro tomam parte em todos os congressos anti-alcoólicos e sempre são muito ardorosos na defesa de seus pontos de vista.

→ Quanto aos antigos alcoolistas, devo dizer que são eles atualmente o baluarte da luta anti-alcoólica nos Estados Unidos. A psicoterapia utilizada pelos médicos nos hospitais ou nas clínicas privadas, nunca deu resultados satisfatórios nos casos de alcoolismo. O bebedor inveterado continuava a beber da mesma forma. Foi quando surgiu, em 1934, uma organi-

zação denominada Alcoolistas Anônimos, constituída exclusivamente de indivíduos que haviam deixado de beber. A associação nascera da seguinte maneira: certo indivíduo que era considerado **caso perdido**, conseguira, com extraordinário esforço de vontade, curar-se do vício de embriaguês; decidiu, então, empregar o resto da sua existência na sublime missão de tentar recuperar outros bebedores. O processo consiste na direta e individual entrevista com o alcoolista a ser catequisado, fazendo-lhe um forte apelo baseado na crença de Deus. Nenhum argumento, de fato, poderia ser mais convincente ao "paciente" do que a apresentação do próprio ex-viciado, daquele que passou pelas mesmas atroz experiências, que andou rolando pelas sargetas, arrostando a humilhação do cárcere, o abandono da família, o desprezo da sociedade. O choque psicológico dessa apresentação realística, aliado ao decisivo fator moral que a religião inculca em todas as consciências, faz com que o indivíduo reúna todas as energias perdidas, retome o controle da vontade e abandone definitivamente o álcool. A condição essencial para a cura, conforme reza o estatuto da sociedade, é "o honesto desejo de parar de beber". Uma vez que ele tenha esse desejo e se submeta a várias entrevistas, é quasi certo curar-se. Uma vez curado, entra a fazer parte da organização e se prontifica a doutrinar outros alcoolistas. A sociedade conta hoje com mais de 8.000 sócios espalhados em 340 cidades americanas e canadenses. O escritório central é em Nova York, onde é recebida toda a correspondência e são atendidos os **pedidos de socorro** por parte de qualquer pessoa interessada em curar-se. Não é exigida qualquer contribuição. A sociedade mantém-se com donativos feitos por ex-alcoolistas possuidores de fortuna. Segundo as últimas estatísticas, confirmadas pela classe médica, 80% dos alcoolistas anônimos são pessoas radicalmente curadas e portanto abstemias. A minoria é constituída de bebedores moderados ou que muito raramente indulgem no uso de um gole — compulsão essa que, aos poucos, irá sendo vencida pela força de vontade.

Como vêm, há nos Estados Unidos organizações de várias espécies, cujas atividades se enquadram nos objetivos da higie-

ne mental. Há até uma Liga Contra a Epilepsia, fundada em Boston, sob o patrocínio de dois grandes cientistas: Tracy Putnam, diretor do Instituto Neurológico de Nova York, e William Lennox, professor de Neurologia na Harvard, a qual edita folhetos educativos que esclarecem o público quanto aos sintomas e às causas da epilepsia e aponta os meios de combater essa moléstia. Tudo em linguagem simples, sem rodeios, desfazendo velhos preconceitos e lendas em torno do ataque epilético.

Os ambulatórios de higiene mental representam, inegavelmente, os pontos estratégicos de maior valia na prevenção das doenças mentais. Não apenas os ambulatórios que funcionam junto aos hospitais psiquiátricos, mas também, e muito principalmente, aqueles que se instalam nos centros de saúde, nas policlínicas e nos hospitais gerais. Creio que esta segunda forma deve ser a preferida, pois a melhor prevenção se faz quando se surpreendem os primeiros sintomas logo de início, antes mesmo que o paciente venha suspeitá-los ou dêles tenha pleno conhecimento. Uma das modalidades mais interessantes desse tipo de profilaxia, foi a que encontrei no Estado de Maryland, onde existe uma Sociedade de Higiene Mental com ótimo dispensário, situado no centro da cidade de Baltimore. Além desse dispensário, a Sociedade mantém clínicas ambulantes, sistema muito curioso, que pela primeira vez me foi dado deparar: em automóvel uma ou duas vezes por mês, o médico psiquiatria e a psicologista do dispensário dirigem-se a determinadas cidades onde não há serviço psiquiátrico, mas onde a assistente social reuniu casos para exame ou consulta. Ali atendem aos pacientes e regressam a Baltimore no mesmo dia. Com economia e sem grande perda de tempo, pode-se assim levar a higiene mental até às mais distantes povoações do Estado.

Os médicos que labutam dentro dos hospitais também têm oportunidade de propagar a higiene mental no contacto com as famílias dos doentes nos dias de visita, esclarecendo-as quanto à situação do paciente, procurando influir no sentido de melhorar o estado emotivo de parentes e amigos, aconselhando

sempre que necessário no tocante à correção de situações anormais no lar, na escola ou na oficina de trabalho.

Conforme dizia George Stevenson, o insigne diretor médico do Comité Nacional de Higiene Mental, instituição que dispense cerca de 3.200 contos por ano e não recebe um vinco dos cofres públicos, vivendo exclusivamente da generosidade de particulares — conforme dizia esse grande higienista, não é apenas com as instalações técnicas e com os recursos técnicos, que se há de fazer a prevenção das doenças mentais. Nós podemos encontrar em nós mesmos, na singeleza de nossa vida, os recursos com que realizar eficiente campanha: que melhor higiene do que o bálsamo de nossas palavras, a serenidade de nossas ações, o exemplo de nossa conduta?

Estou com ele. Mas, sempre que possível, lancemos mão de todos os demais recursos, porque na luta contra o desencadeamento das doenças mentais, tudo que fizemos ainda é pouco. Enquanto a terapêutica das moléstias do espírito não estiver tão desenvolvida como nas demais especialidades médicas, a higiene mental há de constituir o pivot de toda a atividade psiquiátrica.

Fazer higiene mental com resultados positivos, é talvez mais prático e mais valioso do que esfalfar-se no terreno terapêutico, onde as possibilidades de êxito não são ainda, infelizmente, tão animadoras.

Finalizando, seja-nos lícito expressar a opinião de que a prevenção das doenças mentais só será viável à medida que se fizer a conveniente educação das massas. Sem a colaboração do entendimento popular, não se poderá obter resultados satisfatórios em qualquer campanha educativa. Ainda há poucos meses, dirigindo-se aos seus companheiros da American Psychiatric Association, o presidente dessa prestigiosa organização lembrava o fato de nunca na história dos Estados Unidos ter a higiene mental despertado tão grande interesse a todas as classes sociais como nestes últimos quatro anos. E para reforçar o seu argumento, aludiu ao fato de que só no último ano foram produzidos em Hollywood 6 films girando em torno da psiquiatria, todos eles constituindo sucessos de bilhe-

teria, e que, ainda recentemente, num inquérito realizado para apurar qual a especialidade médica que durante o ano mereceu maior número de colunas na imprensa norte-americana, a Psiquiatria figurou em primeiro lugar. O público lê, o público comenta, o público manifesta interesse pelos tópicos referentes à saúde do espírito.

No dia em que conseguirmos preparar a mentalidade da nossa gente para a assimilação de tais idéias, estou certo de que a tarefa dos higienistas se tornará muito mais fácil e haveremos então de proclamar no Brasil os mesmos resultados que tanto enobrecem e orgulham os nossos colegas da América do Norte.

OS PEDIDOS DE LICENÇA SOB O ASPECTO PSIQUIÁTRICO (§)

Júlio Paternostro
(Médico Psiquiatra)

Um breve convívio de cinco semanas com o Serviço de Biometria Médica do INEP, onde se examinam servidores públicos que pedem licenças alegando doença ou esgotamento nervoso, sugeriu-me a elaboração das seguintes considerações teórico-práticas.

1. O CONCEITO DE DOENÇA NERVOSA

Perdura em nosso meio, entre leigos e profissionais, a denominação *doença nervosa* para uma série de sintomas indefinidos e vagos, não medidos, nem comprovados pelos exames clínico-laboratoriais de uso rotineiro nos serviços médicos atuais.

Os indivíduos que pedem licença por se acharem *nervosos* ou *esgotados* atravessam os diversos boxes de especialistas, recebendo de cada um a rubrica "normal", na ficha de exame. Fora da ficha, sob o epíteto de "píssicos", são encaminhados ao psiquiatra com um mixto de incompreensão, reserva, indiferença e até de desprezo. Muitos clínicos ainda se comportam diante desses casos mais como leigos que como médicos. Contribui

(§) Conferência realizada na Liga de Higiene Mental na sessão de 6 de novembro de 1945, presidida pelos Profs. Henrique Roxo e Dr. Rubens Paranhos.

para isso o consenso generalizado de que só é "doença", a coisa física, objetiva, palpável, radiografada ou assinalada pelos exames laboratoriais. Tudo que deixa de ser percebido pelos cinco sentidos: "não é nada". O "não é nada" é a frase clássica que "nervosos" ou "esgotados" costumam ouvir de médicos e leigos.

Constitui de fato dificuldade para o clínico, decidir se tais pedidos de licença correspondem a uma doença real, e, portanto, justificáveis, ou se resultam de um pensamento predeterminado, parasitismo ou malandragem e, por conseguinte, injustificáveis, diante da consciência moral do médico, que não deve favorecer a espoliação do patrimônio público.

A denominação "doença nervosa" para esses casos, embora consagrada pelo uso, não é própria. Por *doença nervosa* deve-se entender exclusivamente as afecções lesivas do sistema nervoso, que se exteriorizam por paralisias, atrofia, distúrbios do movimento, do equilíbrio, da sensibilidade, etc., produzidos por várias moléstias traumáticas e toxi-infecciosas de etiologia conhecida ou não.

A expressão "píssico", apesar do tom galhofeiro com que é pronunciada, ajusta-se mais que "nervoso", pois, esses indivíduos são doentes da psique e não dos nervos. Mas, como "doentes mentais" também seriam mal rubricados, pois, estes são os psicóticos, os loucos, os alienados, os incapazes de se regerem.

A epígrafe adequada para tais casos é *Neurose* ou *Psiconeurose*.

2. OS SINTOMAS NEURÓTICOS.

A *Neurose* não aparece subitamente na vida dos adultos.

Forma-se desde a mais remota infância como consequência das exigências da consciência moral e das dos instintos. Determinadas circunstâncias agravam os choques contínuos dessas exigências, ágem como "provocadores" de antigos recalques, que por sua vez forçam o indivíduo a complicados mecanismos de defesa, traduzidos pelos mais variados sintomas corporais

e mentais, desde uma simples cefaléia à impossibilidade de trabalhar.

O Serviço de Biometria Médica até 1944 ainda não havia discriminado em suas estatísticas, os diagnósticos dos pedidos de licença. Não exagero, porém, si admitir que dentre os 824 exames executados em 1944, 50% receberam a rubrica *Neurose*.

As *Neuroses* constituem um vasto capítulo da *Psiquiatria*. Os seus sintomas sendo polimorfos, são observados em todas as especialidades médicas. Infelizmente, porém, muitos especialistas e clínicos ainda não se capacitaram da influência dos processos psicológicos sobre as queixas e sintomas corporais de seus consulentes. Daí surgirem diagnósticos prováveis ou falsos, ou então o clássico "não é nada".

A moda da *alergia* fez Rowe declarar que 8% dos indivíduos que procuram os médicos são alérgicos. Pode-se afirmar, sem exagero, que 50% dos consulentes de todas as especialidades médicas apresentam sintomas classificáveis como *neuróticos*. Hugh Cabot, famoso urologista, que recebia doentes exclusivamente de sua especialidade, declarou certa vez que 50% de seus casos eram de *neurose*.

Os sintomas originados de processos psicológicos não são "criações da mente", mas transformações de processos normais em anormais. Tais transformações é que criam reações de novo tipo do sistema nervoso, quando se trata de sintomas corporais e de uma nova lógica, quando se trata de sintomas psicológicos. Todos esses casos falam a linguagem do Inconiente e sem a entendermos é inútil explicá-los.

3. DIAGNÓSTICO.

O diagnóstico desses casos vem sendo feito de um modo geral, no nosso meio, por exclusão. Isto é, si os aparelhos e órgãos submetidos aos exames clínico-laboratoriais são "normais" se o examinando se queixa ou persiste em apresentar sintomas, considera-se o caso como *Neurose*. Esse procedimento constitui grave erro teórico-prático. A sintomatologia das entidades clínicas que constituem as *Neuroses* é atual-

mente bem definida, graças as interpretações da Psicanálise, sendo, portanto, sujeita a um diagnóstico direto.

O médico que se deixa impressionar por "um sintoma" — a taquicardia, a falta de ar, a tonteira, a aflição, a gastralgia, a dormência das mãos, as fobias, a insônia, a enxaqueca, o medo de andar, a ansiedade locomotora, o "esgotamento", etc., — verá apenas um fragmento, jamais o caso clínico em sua totalidade, e, portanto, será incapaz de classificá-lo. Além disso, depois de submeter o examinando a uma série inútil e dispendiosa de exames (radiografias, electro-cardiogramas, pesquisas nos humores, tubagens, etc.), correrá o risco de aumentar ou fornecer ao paciente outros sofrimentos e dúvidas.

O exame desses casos deve ser sempre do conjunto e não dos detalhes. Órgãos e exames laboratoriais normais, não significam "normalidade", pois, aqui a soma não é igual ao todo.

Os sintomas que se reúnem para formar uma Neurose, têm a propriedade de se fortalecerem sob determinadas circunstâncias. Assaltam então a personalidade do indivíduo e se tornam reais. Não adianta a ficha de exame considerá-lo "normal". Os examinandos respondem sempre: "os Snrs. dizem que não tenho nada, mas estou sofrendo, não posso trabalhar". Assim falam, porque a realidade não nos é dada pelo mundo exterior, mas pelo que se passa em nosso Ego e das relações deste com o mundo exterior.

Por isso, é comum criar-se um impasse entre o Serviço Médico encarregado de conceder licenças ou benefícios e o paciente. O primeiro negando e o segundo afirmando a existência de uma realidade.

Só a Psiquiatria pode solucioná-lo.

4. A PSIQUIATRIA MODERNA.

A Psiquiatria atual não é mais aquela especialidade imobilizada dentro das paredes dos hospícios como gerações de psiquiatras a conheceram e ainda a praticam.

Essa disciplina assumiu um papel decisivo na solução de problemas da vida individual e coletiva, graças aos instrumen-

tos que lhe foram fornecidos pela Psicoanálise e o estudo fenomenológico da Personalidade.

A Psiquiatria que trata dos indivíduos em conflito, mas não desagregados da vida social adquire, como já acontece em outros países, uma tal importância que as Instituições que lidam com grandes grupos humanos a incluem como uma das seções dos seus Departamentos do Pessoal.

E, quem assiste a consulta psiquiátrica moderna verifica como o pensamento criador, gera o conhecimento, que nos leva a encarar as coisas de maneira diversa da anterior e age realmente na reconstrução de uma vida nova, baseada em outras relações do Ego com o mundo exterior.

5. O TRABALHO É UM DOS PROBLEMAS DA VIDA INDIVIDUAL.

O Trabalho é um dos problemas centrais da Psicologia e da Psiquiatria.

Os pedidos de licença referidos são feitos diante da impossibilidade de exercer uma atividade: — o trabalho. Outras atividades como o locomover-se, comer, dormir, barbear-se, ondular o cabelo, discorrer sobre vários assuntos, enfim uma série de miudezas da vida quotidiana continuam a ser executados sem impedimento. Porque?

O trabalho prende o indivíduo a uma parte da realidade: a coletividade. Facilita consideravelmente a descarga de componentes libidinosos impulsivos, narcísicos, agressivos e eróticos. O trabalho sendo indispensável para a subsistência da maioria, liberta ao mesmo tempo o indivíduo da energia, que se torna ameaçadora para a afirmação do Ego, quando a realidade deixa de atraí-la. É um truismo o conceito de que o trabalho só traz satisfação quando executado por livre escolha, isto é, quando através da sublimação permite a expansão das inclinações, dos impulsos instintivos. O comum, porém, é trabalhar-se em cargos impostos pelas circunstâncias. A maioria trabalha forçada pela necessidade e não conduzida por aquela expansão. A maioria tem que se sujeitar às condições impostas

pelo regime social em que vive, onde o homem explora o trabalho do homem (*homo lupus homini*). Daí a aversão manifesta, provisória ou de longa duração de muitos indivíduos para o trabalho, aversão esta que pode permanecer muito tempo encoberta por existirem outras satisfações fornecidas pela realidade. Quando estas satisfações são bloqueadas pelas repressões, recalques, o trabalho é uma das primeiras vítimas.

Ora, a maioria da humanidade não emprestou ainda ao trabalho como a outros aspectos da vida social, o valor de um campo de felicidade. Si o trabalho não corresponde para muitos a uma válvula de descarga dos impulsos instintivos pode se tornar um obstáculo às relações com o mundo exterior, em vez de ser, como deveria, uma de suas mais poderosas ligações. Compreende-se em parte, por este raciocínio, a ênfase daqueles que bradam: "os srs. dizem que posso voltar ao serviço, mas não 'aguento' trabalhar".

Não é raro vermos estampada na fisionomia dos que assim bradam uma evidente "expressão agressiva". Há uma revolta contra a "obrigação social" contida no trabalho. Revolta que faz periclitar o juízo ético dos observadores quanto ao indivíduo que assim se exprime, aparentando boa saúde e na idade energética de 20 a 40 anos, em que se inclui a maioria desses casos.

Na literatura psicanalítica encontramos o conceito de que o trabalho é a melhor salvaguarda contra a "volta da agressividade para si próprio", servindo como a principal polarização dos sentimentos de culpa.

Estes sentimentos significam às vezes, reação a uma culpa inconsciente e outras, necessidade de castigo, de modo que, conforme o caso temos tipos de nevroticos que se comportam com atitudes opostas em relação ao trabalho. Assim, enquanto uns se revoltam outros usam o trabalho como "estratégia". Esforçam-se, "dão no couro", como se diz na gíria (não é raro a linguagem popular exprimir verdades científicas), fazem do trabalho "meio de morte e não de vida" (masoquismo). Tornam-se queridos dos chefes e antipatizados dos companheiros, pois, desnivelam o trabalho normal da repartição, não havendo quem os vença em quantidade ou qualidade. É aquele "fogo

sagrado" das horas de trabalho onde se queimam como em holocausto à uma divindade. Fora dali, são casmurros, cacetes, monótonos, sem "alegria de viver".

Podemos, dêsse modo, distinguir dois grandes grupos de indivíduos que reagem aparentemente de modo diverso ao Trabalho: — uns "se retiram" (ligeiros sintomas corporais, doenças físicas de grau leve, motivos sentimentais, etc. facilmente os conduzem aos pedidos de licença), outros "se aferram". E para estes, não há recomendações que os façam interromper ou reduzir as atividades exageradas. Os primeiros, obtida a licença ou a aposentadoria, não se preocupam em se tratar, pois, alcançaram o seu objetivo, estão "salvos".

Ambos os grupos, agindo "negativa" e "positivamente" em relação ao Trabalho, enquadram-se na frase de Freud: — "o Homem não é senhor de seu Inconsciente".

6. SÓ O ESTUDO DA PERSONALIDADE INDIVIDUAL RESOLVE OU ORIENTA O PROBLEMA.

Todo pedido de licença que se baseia em queixas ou sintomas neuróticos deve ser encaminhado ao psiquiatra.

Este, a nosso vêr, deve estar em condições de "entender" tais casos, fundamentado no conhecimento da Psicanálise.

Em primeiro lugar, fará o estudo retrospectivo da personalidade, a caraterologia do indivíduo. Como resultado terá o retrato do pedido de licença. Para isto, cinco horas no máximo, são suficientes. O retrato não se faz numa única entrevista, mas em duas ou mais, perfazendo o total máximo de cinco horas para que (a) se processe de modo melhor a transferência do examinando e (b) seja atendido maior número de examinandos, no horário de trabalho do psiquiatra.

Para esse serviço, uma pequena equipe de psiquiatras é suficiente, pois, cada um atende em três horas, a média de cinco casos.

7. OS MEIOS DE QUE DISPOMOS PARA SABER SI O PEDIDO DE LICENÇA É JUSTIFICÁVEL.

Na literatura psicanalítica, Karl Abraham é o primeiro autor a revelar a importância da fase oral no desenvolvimento da personalidade e manifestações neuróticas. O neurótico oral cria o "mecanismo da oralidade", cujo processo inconsciente se desenvolve pela seguinte tríade: a) inconscientemente, de modo contínuo, constrói e prepara situações em que se coloca mal; b) toma uma posição de auto-defesa, arremetendo-se agressivamente sobre inimigos imaginários, criados por ele próprio; c) num ato final, acusa-se a si próprio, obtendo inconscientemente um prazer masoquista.

Na base de todas as neuroses orais encontram-se o masoquismo e a pseudo-agressão. Ainda não são abundantes as observações psicanalíticas de indivíduos que pedem licenças ou se apoiam nas garantias do seguro social (aposentadoria, pensões, etc.) para "satisfazerem" ou "manterem" seu caráter neurótico. Mas, os estudos de autores como Bergler e a nossa própria indagação, embora principiante, faz-nos admitir a tese de que são as neuroses orais as responsáveis pela maioria dos pedidos de licença.

De acordo com a interpretação psicanalítica (a única, a nosso ver capaz de explicar esses casos), as atitudes sociais do indivíduo, dependem das origens da formação caracterológica. Esta, conforme a Psicoanálise, desenvolve-se através de fases psicobiológicas determinadas e amplamente estudadas por grande número de autores: oral, anal, genital.

As formas primitivas de se obter prazer, nessas fases, jamais são completamente abandonadas pelo indivíduo, mas persistem sob múltiplas camuflagens durante o resto da vida, e certas experiências ou circunstâncias particulares surgidas em qualquer época da existência, as revivem ou reforçam-nas.

Por exemplo, é conhecido de todos, o "prazer de chupar", na infância. Este prazer não está apenas ligado ao processo de alimentação, mas se condiciona em grau elevado, a significação da boca como zona erógena, que é ponto de partida para

um processo psicológico. Biologia e Psicologia se entrelaçam. Chupar dedos, chupar balas, etc., vão sendo manifestações, de etapa em etapa, de um mesmo processo. O desenvolvimento mental da criança ao adulto faz-se, de acordo com a observação psicológica e clínica à base de renúncias e substituições do prazer. É o processo de renúncia e o curso que ele toma na vida individual, sob várias circunstâncias, que merece o estudo e a interpretação do psiquiatra.

A irrupção dos dentes, como se sabe, condiciona grande parte do prazer de chupar, que, depois, substitue-se pelo prazer de morder. Ao mesmo tempo que os processos biológicos, os psicológicos também evoluem. Antes, a criança só aceita (leva tudo à boca), depois morde, recusa (agride). Isto é, principia a ter atitudes ambivalentes em relação aos objetos exteriores. Iniciam-se os atos a serem de prazer e desprazer ao mesmo tempo. A criança mimada ou espoliada no "prazer de chupar", potencialmente se prepara para uma neurose. Seria impossível descrever aqui, *pari-passu*, o desenvolvimento multiforme do processo oral na formação das atitudes sociais do indivíduo. A teoria e a prática psicanalíticas capacitam aos que delas tem conhecimento, sobre as variações da substituição do prazer, por isso, limitar-me-ei a algumas conclusões:

1) Um caráter estruturado sobre o erotismo oral condiciona um tipo de neurótico que só "pode viver", quando todas as circunstâncias da vida lhe sejam garantidas de antemão. Renuncia, si for preciso, a todos ideais de sucesso ou melhoria social contanto que receba um auxílio garantido e regular.

2) Um caráter estruturado sobre o erotismo oral condiciona um tipo neurótico que sempre reclama alguma coisa, quer sob a forma de um pedido modesto ou de uma exigência agressiva.

3) Não há fatos, nem argumentos que os demovam de pedir ou reclamar.

4) São compelidos transitória ou definitivamente a tirar de alguém um auxílio ou meio de subsistência sem esforço, sem trabalho.

5) Os benefícios do seguro social, as garantias dos Esta-

tutos do funcionalismo são utilizados por tais indivíduos para satisfação de exigências instintivas.

Ao se manifestarem os sintomas neuróticos, a persistência da antiga estrutura oral impele o indivíduo ao pedido de licença, pois, o neurótico caracteriza-se precisamente por não reagir adequadamente aos estímulos externos, mas sempre ligado às formas de reação adquiridas no curso de sua infância.

8. AS DIFICULDADES DO TRATAMENTO.

Dissipada a dificuldade do diagnóstico, surge a maior que é o tratamento. O Serviço de Biometria Médica ressen-te-se de uma articulação com serviços de terapêutica. Licenças concedidas pelas seções de oftalmologia, otorino, cardiologia, fisiologia, etc. prolongam-se indefinidamente, porque os examinandos obtêm o diagnóstico, a indicação terapêutica, mas não possuem meios de se tratar. Um certo número, porém, de servidores públicos que passam por essas seções e tem facilidade em se tratar, são beneficiados pela Biometria Médica, que vem revelando lesões insuspeitas em indivíduos que requerem pedidos de licença sem diagnóstico definido. Aos neuróticos, porém, sucede que as indicações terapêuticas não são precisas como nas outras especialidades, devido as dificuldades diagnósticas a que nos referimos. Não se deve deixá-los só com a licença, entregues a própria sorte ou com recomendações simplórias das do tipo: "vá procurar um médico", "passê uns tempos numa fazenda, etc." É indispensável explicar-lhes que a psicoterapia não só os aliviará dos sintomas do momento, como também lhes fornecerá uma verdadeira "aptidão" para a vida.

É de suma importância então acompanhar as "reincidências dos pedidos de licença" ou os "pedidos de prorrogação" como controle dos que procuram o tratamento.

Um mero pedido de licença poderá ser aproveitado pelo Serviço Médico para transformar o neurótico num indivíduo realmente útil, no sentido social.

Em vez de inúteis fórmulas burocráticas, tais "pedidos"

se transformarão em instrumento de soluções dos conflitos individuais com a vida social.

É comum os médicos serem méros autômatos na concessão das licenças. Limitam-se ao sim ou não. Agem como rotuladores de material. Esquecem-se da função de orientadores dos indivíduos que são examinados, esquecem-se de que são médicos.

Na minha clínica, tenho dois casos típicos de má orientação nas licenças. Um, pediu demissão do emprego; outro foi aposentado. O primeiro obtivera ótima classificação no concurso; a sua neurose, porém, obrigou-o a repetidas licenças logo no primeiro ano de trabalho e perdeu o lugar. Tido como inútil, venho verificando ser um indivíduo de ótimas qualidades intelectuais e pragmáticas que se anulavam pela ausência do tratamento adequado. O outro, aposentado como esquizofrênico, nada tem desta moléstia. Acredito que suas repetidas licenças criaram um impasse para o Serviço Médico. Para o servidor com mais de dez anos de serviço, a Esquizofrenia constitui o "grande cêsto" onde se jogam os casos psiquiátricos, que oferecem dificuldades diagnósticas ou de terapêutica.

Apresenta êsse aposentado uma estrutura oral do caráter e a psicoterapia o está transformando num indivíduo capaz de trabalho eficiente e ininterrupto.

Ambos têm menos de 40 anos de idade e portanto em pleno período do melhor rendimento no trabalho.

9. OS NEURÓTICOS PRECISAM SER MAIS BEM COMPREENDIDOS.

O problema do neurótico para Serviços Médicos como os do tipo do INEP é mais complexo que o do psicótico (doente mental). Este se resolve com a aposentadoria, a hospitalização, como se faz com a lepra e a tuberculose. Sem dificuldades prognósticas quanto à capacidade para o trabalho, geralmente, encerram-se êsses casos numa única perícia.

O neurótico, entretanto, depende de licenças e prorroga-

ções de tempo limitado. Estas são sujeitas às críticas de leigos, "fulano com boa aparência e licenciado! E' pistolão!", ou às reflexões dos dirigentes dos Serviços Médicos, "não fica bem para nós, prolongarmos a licença de indivíduos cujo aspecto é de malandro"...

Os neuróticos precisam ser melhor compreendidos pelos Serviços Médicos.

E' indispensável uma equipe de psiquiatras para interpretar os neuróticos e modificar a impressão caraterológica de inutilidade e malandragem que causam aos Serviços Médicos.

Podem e devem ser criadas circunstâncias favoráveis para a solução científica desses casos. A tranquilidade e a segurança que os neuróticos adquirem, no curso da psicoterapia, fazem-nos deixar de viver sob a compulsão de pedir licenças ou aposentadorias.

Muitas vezes, as licenças são concedidas "à olho": quinze dias, três meses, seis meses. Frequentemente os que levam quinze dias deveriam ter 6 meses e assim por diante, porque, não há critério científico. São numerosos os casos de licenciados cuja reassunção se dá sem ter havido cura ou tratamento. Muitos neuróticos voltam ao trabalho apenas porque "satisfeitos" as exigências instintivas pelo afastamento, "des-carregaram-se", e, então, numa nova crise, repetirão o mesmo processo. Usam as licenças como catarsis.

Não propomos, é evidente, o tratamento psicoanalítico de todos esses casos. Primeiro, pela falta de analistas em nosso meio, segundo pela sua demora e custo elevado. Um ou outro caso, entretanto, só a Psicoanálise poderá resolver. A maioria, porém, se beneficiaria com a "psicoterapia psicoanalítica", mais econômica, mais rápida: diagnóstico da personalidade, revelações dos motivos estético, teórico e prático da vida individual e coletiva, etc.

Existem, em nosso meio, psiquiatras aptos para este tipo de psicoterapia. A Direção do Serviço Médico poderia, a meu ver, ter uma lista de psiquiatras credenciados para esse fim.

Ser-lhes-iam encaminhados os neuróticos, com o objetivo; 1.º) de receberem um diagnóstico preciso; 2.º) de serem orien-

tados em seus desvios caraterológicos; 3.º) e, para que a Direção do Serviço Médico pudesse recomendar nos casos indicados, a transferência de cargos de servidores, que inúteis numa função se tornariam úteis em outra.

O número de pedidos de licença devido às neuroses tende a aumentar com as privações e frustrações favorecidas pela atual situação econômico-social em que vivemos.

O Estado se onera arcando com despesas de salários de indivíduos inativos que pedem e reincidem nas licenças, as quais, muitas vezes, são aproveitadas como "meio" de manter as neuroses.

Diante desses fatos é que apresentamos estas sugestões, pois, admitimos ser uma das características dos administradores modernos ouvir a opinião de técnicos.

O PROBLEMA DO DESAJUSTAMENTO EM NEURÓTICOS E DOENTES MENTAIS

Pelo
Prof. Dr. Henrique Roxo

É fato bem sabido que cada um de nós é escravo do meio em que tem de viver. Tem de se adaptar a êle. Tem de se conformar com a influência dêle. Si o individuo e o meio se ajustarem bem, poderá nada haver de importante para o lado do sistema nervoso. Si houver, porém, desajustamento, falta de adaptação de um ao outro, estados neuro-psíquicos mórbidos e mesmo doenças mentais poderão ocorrer.

Esta é uma das questões que mais interessam ao moderno psiquiatra e é assunto que em poucas linhas procurarei sintetizar.

STRECKER frisa bem que 60 a 70% da prática médica é constituída por doenças funcionais, quer em sua essência, quer como acréscimo a alterações orgânicas.

A medicina psico-somática esclarece que sempre o psiquismo tem de ser tomado em consideração quando se examina qualquer doente.

Com Adolfo Meyer, nós vemos as psico-neurôses como intermediárias entre a sanidade mental normal e as psicôses. Muitas vezes são elas ocasionadas por desajustamentos que não chegam a tornar o individuo alienado, mas o colocam como excitado e nervoso.

Em muitos casos, há um complexo a influir no desajustamento do individuo. É êle constituído por um grupo de idéias que se ligam por um forte laço emotivo e que exigem expressão na consciência.

No livro de "Psicobiologia e Psiquiatria" de Wendell Muncie, prefaciado por Adolfo Meyer, há muita preocupação com as anomalias de conduta.

Frisa que a atividade unitária da conduta constitúe o material da **psicobiologia** ou **ergasiologia**.

Toma em consideração o modo de se comportar o individuo em relação à família. Assinala a ação das influências extra-familiares.

Quando se analisa o individuo em ação, deve-se separar aquele que é normal, do que não o é. O coeficiente emotivo muito inflúe.

Em 1908, Adolfo Meyer publicou um trabalho muito interessante a respeito de "Problemas de tipos de reação mental, causas mentais e doenças", sendo que o Catedrático de Berlim, o Prof. Bonhoeffer apresentou em suas aulas muitos casos de Psicose de reação (*Reaktion-Psychosen*).

Mais tarde, constituiu-se um grupo, por todos aceito, o das **Psicôses de situação e psicôses de reação**, a respeito do qual escrevi em trabalho que apresentei no Uruguai, em 1938, tendo feito uma conferência.

Mas não é propriamente a esta modalidade de doença mental que me refiro, e sim a individuos anormais em sua conduta que são apenas desajustados em sua vida familiar ou social.

Isto inflúe em toda vida do individuo, desde criança até adulto. O ponto de vista psicobiológico é hoje em dia aquilo que mais caracteriza a obra psiquiátrica norte-americana. Há uma **neurôse de compensação** que se traduz por sintomas neurastênicos, histéricos, hipocondríacos ou de ansiedade, que vêm como um desafogo a uma contrariedade, a um abalo moral.

Sob o título de **reações parergásicas** ou **parergasia**, entende-se um feitio especial de reações heterogêneas que têm de comum o predomínio de desordens da conduta de um feitio particular, em que há muita extravagância, muita exsistice. Há nestes casos, muitas vezes, desordens na vida afetiva.

Quando há o que se chama **merergasia**, a sensação de mal estar que muito frequentemente ocorre, é menor e o doente só tem a lucrar si fôr tratado fóra das paredes de um hospício,

com a idéia bem inculcada de que seja um doente comum. Tudo quanto possa concorrer para um novo esforço de adaptação, deve ser evitado.

O ajustamento a um novo meio é sempre difícil. E particularmente em certas pessoas, mesmo depois de ajustadas, facilmente se rompe este ajustamento.

Coefficiente hereditário meioprágico concorre muito para esta situação.

Pela vida afóra, muitos seguem desajustados. E isto está muitas vezes ligado a prediados individuais.

Em certos casos, constitúe-se pelo desajustamento, um verdadeiro tipo de doença mental: a psicose de situação ou a psicose de reação.

De outras feitas, surgem reações esquisofrênicas ou reações maniaco depressivas.

Outras vezes, são manifestações de feitio neurastênico, quer de psicastenia, quer de nervosismo, que revelam o desajuste.

Por outro lado, de acôrdo com os ensinamentos modernos da medicina psico-somática, muito do que outrora se acreditava testemunho de doenças em vários órgãos, é hoje tido como influenciado por preocupações morais, particularmente desajustamentos.

Hoje em dia não se pode deixar de considerar o doente como uma individualidade clínica e não é possível deixar de tomar em consideração a influência do meio em que ele vive, e a ação favorável ou desfavorável d'ele. Cada qual é escravo do meio, em que vive, e pode reagir de modo mais ou menos intenso.

Às vezes, é uma crise histérica que se patenteia. Outras vezes, é um acidente neurasteniforme que se mostra. Si se tomar em consideração, apenas, o fato isolado, e se não perscrutar a causa, nada se conseguirá sob o ponto de vista de cura.

Sempre, em qualquer doente, tem de se apurar porque ele adoeceu. Pode o indivíduo estar perfeitamente complasmado no meio em que vive: será uma grande fortuna para a evolução favorável da psico ou neuropatia, de que ele sofra.

O indivíduo que tiver uma constituição emotiva, reagirá sempre de modo muito intenso.

Aquele que tiver uma meioprágia nervosa, particularmente determinada por fatores hereditários, ficará inferiorizado em seus esforços de ajustamento.

Tem de se tomar em consideração o meio domiciliar e o meio social.

Há pessoas que vivem muito bem em casa, com a família, e mal, na sociedade. Há outras, em que sucede o contrário: dão-se muito mal com a família e vivem bem no serviço.

Há meios que são verdadeiros caldos de cultura para doenças mentais e nervosas. Enquanto o doente está, por exemplo, internado no Hospício ou está viajando, tudo vai muito bem e ele vive em ótimas condições. Volta para casa e tudo piora. A família briga com ele, implica muito e a excitação volta, com os mesmos caracteres ou estes agravados.

Um doente nervoso não pôde estar a ser contrariado a cada passo. Não quer isto dizer que tôdas es extravagâncias que deseje praticar, sejam admissíveis.

O coefficiente individual tem de ser tomado em consideração. Há indivíduos que são mais pacientes, mais tolerantes, que conseguem viver bem com quem quer que seja. Mas há outros que são mais vibrantes, mais sensíveis, mais irritadiços, que explodem por dá cá aquela palha.

O modo de reagir pode variar muito, desde a simples crise histérica até o impulso de feitio parecido com o epilético.

A preocupação que uma pessoa tenha, pôde influir muito.

A força de pensar com emoção, numa dada cousa, pôde o indivíduo excitar intensamente seus centros cerebrais e surgirem alucinações. Então pôde desenvolver-se um delírio persecutório.

Pôde o doente interpretar como agressivas e referentes a ele, frases que tenham sido proferidas em seu derredor e a ele se não refiram. Podem surgir alucinações do ouvido que entrettenham um sistema diferente.

Muitas vezes, não é uma causa interna a provocadora do distúrbio mental ou nervoso e sim uma causa externa. Neste

caso, em muito inflúe um desajustamento na vida social ou familiar.

A Doutrina de Freud busca explicar quasi tudo como distúrbio na vida sexual. Penso que se não deve ver tudo por um prisma unilateral e que em muitos casos o desajustamento nada tem que vêr, com problemas sexuais. Claro está que êstes têm uma importância enorme na vida de quem quer que seja, mas não vou a ponto de estar de acôrdo com Freud quando diz "ser impossível a neuróse numa vida sexual normal e ser ela o negativo da perversão".

No averiguar as causas de desajustamento, deve-se tomar sempre em consideração o comportamento da vida sexual. A indagação disto deve ser feita sempre com muita cautela e discrição. Na falta de habilidade em o fazer, há muitas vèzes o motivo de insucesso no exame clínico. Há delicadezas de sentimentos que devem ser tratados com muito cuidado.

Kurt-Schneider toma muito em consideração os desajustamentos que se processam para o lado da emotividade, da volição e do instinto e manda tomar em atenção a conduta do indivíduo, o modo dêle se comportar.

Nos Estados Unidos há muito interêsse por êstes estudos e em 1940, no 8.º Congresso Científico Americano, reunido em Washington, e ao qual estive presente, houve muitos trabalhos referentes ao assunto.

Deve-se salientar, outrossim, que, anexo à Universidade de Michigan, há um ótimo Instituto para Ajustamento Humano.

Fazem-se exames cuidadosos de crianças e adultos, indaga-se da vocação de cada qual e orienta-se, busca-se a razão de ser de desajustamentos e trata-se de corrigi-los. Defeitos no modo de falar, anomalias de conduta são corrigidos.

No 9.º Congresso Internacional de Psicologia, reunido em Setembro de 1929, na Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut, ao qual também estive presente, tendo apresentado, como no outro, trabalho meu original, houve nove trabalhos sobre desajustamentos, entre os quais devem ser destacados os de William Healy, A. Brill, Phyllis Blanchard, Hendler e Harry Cramer.

Healy estudou cuidadosamente o papel dos desajustamentos na produção do crime.

No trabalho de Tendler, há uma análise detida dos distúrbios da inteligência e da vida emotiva nos desajustamentos que levam à delinquência juvenil.

Campbell, neste mesmo Congresso, estudando esquizofrenia, admitiu a possibilidade de que nesta, tudo fôsse efeito de desajustamentos.

Harry Crane mostrou as vantagens de se empregarem testes psicométricos no estudo dos desajustamentos.

No Congresso da American Ortho-Psychiatric Association, reunido em Chicago, em 1944, foi um tema muito debatido a "Group Therapy", em que se estabelece que quando se estudam os distúrbios da personalidade de um indivíduo, não é êle encarado isoladamente e sim no agrupamento com outros, quer na vida familiar, quer na social.

Um dos grandes problemas a serem debatidos e possivelmente solucionados em futuros Congressos de Higiene Mental, é a questão dos desajustamentos. O Estado tem obrigação de amparar e orientar os egressos dos manicômios.

Uma pessoa que sai de um Hospício, inteiramente curada, encontra uma enorme dificuldade em arranjar um emprêgo. É preciso que esconda, e bem, o seu período de reclusão.

E si souberem, basta que faça qualquer coisa que pareça anormal, para que logo se diga que continúa louca. Outras vèzes é o meio que inflúe para que o indivíduo não possa manter-se curado.

Há casos, em que se impõe um divórcio. Há outros, em que o indivíduo deve mudar de cidade.

Há outros em que se deve mudar de ocupação. A vida deve transformar-se.

Deve-se tomar em consideração a constituição emotiva. Curado um estado de hiperemotividade, tudo pôde curar-se.

Êste estado de hiperemotividade pôde estar ligado a um aumento de atividade tireoidéa e os preparados que refreiem a atividade desta glândula podem ser muito proveitosos.

Há nos Estados Unidos, na Cidade de Hartford, em Connec-

ticut, um Instituto muito interessante, Instituto de Hartford, em que se busca o reajustamento dos indivíduos.

Estes indivíduos desajustados são colocados em um Instituto, em que se busca a reeducação social. São colocados em uma espécie de grande edifício, em que são tidos como hóspedes.

Ao redor do edifício, há uma pequena cidade, com ruas e lojas, com pinturas alegres, dando um ambiente de prazer, satisfazendo o doente, que não terá a impressão de que o seja. Há biblioteca, discotecas com boas músicas, golf club, piscinas, campos de tênis, lugar para patinação, etc.

No teatro existente representam artistas de verdade e os internados que tenham vocação para isto. Há cinematógrafos. Há igrejas.

Há oficinas diversas, todas em pleno funcionamento.

Seu Diretor é o Dr. Charles Burlingame que me procurou quando estive nos Estados Unidos e é um grande e sincero amigo dos brasileiros.

O Instituto de Hartford, a respeito do qual fizeram amplos e criteriosos comentários o Prof. Pacheco da Silva, de S. Paulo, e Prof. Abraham Mosovitch, de Buenos Aires, é um instituto modelo.

No mundo comum o indivíduo continua muitas vezes a ter impossibilidade de corrigir seus desajustamentos. Naquele Instituto, a pessoa constrói um meio novo, a que se pode adaptar.

Cada vez mais, deve-se evitar internar qualquer doente mental. E quando de todo não é possível deixar de o fazer, é preciso impedir que se estabeleçam complexos de inferioridade, que o indivíduo venha a ter a impressão de castigo ou prisão.

Nas pessoas simplesmente neuróticas, os desajustamentos muito importam. Podem ser a causa de tudo. Podem ser o motivo, pelo qual os tratamentos se mostrem ineficientes.

As condições de meio familiar e social podem ser espinhos irritantes que frustem todas as boas intervenções clínicas.

Crises histéricas podem explodir e repetir-se como efeitos de desajustamentos.

Estados neurasteniformes, quer de feição psicastênico, quer

de nervosismo, podem aparecer e persistir pelo mesmo motivo.

Qualquer que seja o aspecto do neurótico, é muitas vezes tudo produzido por uma falta de adaptação. Não quer isto dizer que outras causas não possam aparecer, mas é esta a que comumente mais importa.

Às vezes aquilo que mais chama a atenção é um acentuado desequilíbrio vago-simpático. Os tratamentos mais bem orientados podem não dar resultado e vai-se vêr, é tudo efeito de desajustamento. Corrigido este, tudo se cura.

Em muitos casos, indaga-se do médico como será possível o conseguir. Claro está que há situações de vida, irremovíveis em relação às quais nada se poderá fazer.

Em qualquer hipótese, deve-se esmerilhar bem o que se deva ou o que se possa fazer.

A psicoterapia sob várias de suas formas, deve ser aplicada.

A correção de desajustamentos é um dos recursos mais valiosos para a cura de neuróticos e mentais.

O PROBLEMA DA IMIGRAÇÃO EM FACE DA HIGIENE MENTAL

Dr. Adalberto de Lira Cavalcanti

Há um grave problema no Brasil, ainda não solucionado porque, é triste se dizer, nem ao menos foi tentado solucionar. Problema de angustiante necessidade, o da verificação biotipológica do imigrante e de suas qualidades eugênicas, principalmente no campo da higiene mental. A entrada de imigrantes no Brasil, se faz sem nenhuma seleção psico-mental, com a agravante de inúmeros serem mesmo portadores de psicoses incubadas e neurosados mais ou menos incuráveis. Atualmente temos os egrêssos da guerra, seja da luta mesma ou de campos de concentração, de cidades bombardeadas, de zonas confusas e famintas. Serão indivíduos quase que expulsos de suas pátrias, como na guerra passada se verificou, países que impeliram todos os seus filhos imprestáveis, física e mentalmente, para a América Latina, ótimo campo para esses doentes disfarçados. Em S. Paulo, onde sempre maior número de imigrantes deu entrada, as estatísticas revelaram, após a guerra de 1914-18, quanto foi prejudicial essa invasão em massa de imigrantes, sem um exame rigoroso por médicos especialistas, dando entre 1921 e 1924, uma percentagem, de alienados e criminosos, muito superior a de brasileiros. Assim é que, segundo o Prof. Pacheco e Silva, tivemos as médias seguintes em alienados criminosos — ano de 1921: brasileiros: 4,1% estrangeiros: 10,1%; 1922 — brasileiros: 7,8 — estrangeiros: 5,3% — 1923, brasileiros: 4,8% — estrangeiros: 8,4%; 1924, brasileiros, 3,8% — estrangeiros, 8,6%. Todos esses

estrangeiros internados no Hospital de Juqueri (manicômio judiciário), eram de imigrantes de poucos anos, de apos-guerra, ou seja de indivíduos que em suas pátrias não foram julgados capazes, a maioria inaptos física e mentalmente.

E' necessário um cuidado extremo no se aceitar indivíduos que chegam com relativa aparência de sãos e que, entretanto, trazem fundas lacunas, desvios mentais percebíveis somente por técnicos no assunto.

E' necessária a criação duma consciência médica e higiênica entre os nossos homens públicos, é necessário valorizar tanto o brasileiro nato como incrementar em grande escala a imigração de elementos sadios, realizar uma triagem rigorosa entre os advenas, tanto adultos como crianças, sem distinção de nacionalidade, uma seleção perfeita principalmente quanto às suas características neuro-psíquicas, uma seleção de modo a não permitir que se integrem e permaneçam no meio gregário brasileiro, indivíduos tarados, perturbados e exaustos pela guerra, neurosados e psicopatas incubados, cheios de complexos, desajustados, enfim, imigrantes que não servem porque, em lugar de nos ajudar, vêm como peso morto.

Essa gravíssima lacuna biológica e social, só poderá ser evitada, criando-se cargos de médicos neuro-psiquiatras nos portos de embarques de imigrantes, anexos aos Consulados.

A sua carteira de estrangeiro teria assim o atestado de um neuro-psiquiatra, sem o que não seria expedida a carteira, tanto do maior como do menor. Aqui, no país, far-se-ia também a distribuição para as diversas profissões por uma equipe de neuro-psiquiatras, técnicos no assunto, na seção a se criar, de triagem profissional.

Para o trabalho, esse exame prévio bio-tipológico, seria de inestimável valor, haveria uma grande facilidade para a sua colocação no país, e pelo biotipo de cada um, far-se-ia a sua seleção profissional. E' imprescindível o exame mental do imigrante, agora que massas de indivíduos neurosados e famintos, de vastas zonas européias do após-guerra, se preparam para entrar em nosso país. Esse exame, aliás, deve ser sistemático, não excluindo nacionalidades, nem idade. Essa

missão, do neuro-psiquiatra, será uma missão do mais alto relevo, impedindo que esses farrapos humanos, se lancem no meio brasileiro, sem um devido exame, afetando o índice tanto da criminalidade como da produção, no campo e na cidade.

O momento é oportuno e não pode ser protelado, os primeiros passos já se fazem no sentido da entrada, em grande número, de famílias advenas.

Temos necessidade absoluta de imigração mas não nos deve interessar o número e sim a qualidade. Entre 1840 e 1940, segundo o Prof. Mortara, enquanto o Uruguai e os Estados Unidos tiveram um aumento entre 1.500 a 2.000%, o Brasil teve um aumento de 600%. E verificamos como prosperaram esses dois países, superando o Brasil em inúmeros pontos de vista. Tanto o imigrante como o capital estrangeiro, são úteis ao país; o que é imprescindível é o cuidado como se integram esses elementos, o financeiro e o humano, nem um dominando o meio econômico nem o outro criando zonas de influência racial.

O lema das nações de índice demográfico fraco como o nosso, é o de facilitar o mais possível, a entrada de estrangeiros, principalmente anglo-saxões, nórdicos e latinos. Reduzir ao mínimo possível a mortalidade infantil e fomentar a imigração, eis os fatores que nos conduzirão a conseguir o que todos os estudiosos do assunto calculam: o Brasil possuir dentro de 50 anos, cerca de 100 milhões de habitantes.

As estatísticas criminais aqui no Brasil revelaram sempre um índice mais alto, tanto qualitativo como quantitativo, em emigrados do que em naturais do país. Ouçamos o que nos disse o Prof. Pacheco e Silva, em 1934: "Não é justo que estejamos a recolher a escuma resultante do fervedouro que agitou a Europa e se nada fizemos para isso evitar, ninguém venha a acusar os psiquiatras brasileiros de que se descuidaram do assunto e que a Liga Brasileira de Higiene Mental não cumpriu o seu programa". Infelizmente, aqui no Brasil as boas idéias custam a se objetivar, e acabam, na maioria dos casos, a perecer, ora pela ação corrosiva da crítica malevola, ora pela indiferença dos nossos Governantes.

HENRIQUE ROXO E A TERAPEUTICA DAS DOENÇAS MENTAIS

Dr. Brahim Jorge

A terapêutica psiquiátrica é um setor olvidado da terapêutica geral, ao ponto de Spielmayr assim se externar: "todos os autores põem ponto final na sua ciência quando passam ao capítulo da terapêutica". Sobram-lhe razões para esta afirmativa pois é frizante mesmo nos tratados mais clássicos de psiquiatria a fragilidade com que os seus autores abordam o tratamento. A precariedade de meios terapêuticos com que os especialistas contavam para debelarem enfermidades psíquicas as mais variadas fez nascer no povo a noção de "quem uma vez ficar alienado sempre alienado ficará". Henrique Roxo é um dos pioneiros da psiquiatria no Brasil, ele também foi no início de sua carreira um daqueles a pregar de que somente na Anatomia e Fisiologia é que poderíamos encontrar solução para os mais complexos problemas psíquicos, e conseqüente, uma terapêutica própria psico-medicamentosa era o único meio de devolver o enfermo a vida social e ao lar. A influência da ascendência na formação mental do povo brasileiro sempre o manteve escravo do charlatanismo, e o veredictum de um prognóstico sombrio, reflexo da pobreza dos meios terapêuticos a se lançar mão no tratamento das enfermidades mais diversas do psiquismo, tornavam a família e o doente vítimas dos "maus espíritos" e se buscava nas farsas dos passes o que o médico cientificamente não podia dar. Sempre foi problema de difícil solução o tratamento do enfermo men-

tal e porque não ser assim, si até 1934, somente duas terapêuticas médicas psiquiátricas figuravam na Biblioteca médica mundial — Scalia e Morgenthaler e Forel, eram os seus autores. A evolução da psiquiatria nestes últimos vinte anos, foi berrante, mas o foi também a evolução terapêutica — Von Jaureg nos oferece a paludoterapia — Sakel a insulino-terapia, Von Meduna — a convulsoterapia pelo cardiazol — Cerletti e Bini, o eletrochoque. Sentiu-se assim o psiquiatra mais confiante, “para grandes males, grandes métodos terapêuticos” e transformou-se o prognóstico de enfermidades que até então eram letais em um prazo variável ou que escravizavam os enfermos por toda a vida transformando-os em sombras de seres vivos. No Brasil um médico modesto e simples oferecia também a sua contribuição no setor terapêutico da psiquiatria, e deixa que diga, bem fértil e bem rica é a contribuição de Henrique Roxo.

Sempre foi uma das obsessões do mestre o curar e aliviar os insanos, mas o que fazer se os meios existentes, pouco ou nada ofereciam, cruzar os braços, não era para a tempera de um Roxo, era preciso lutar, e como um dos pioneiros da especialidade que ele defendeu e deu personalidade, estudava com afinco, fez-se o mestre, experimentava e observava a todo instante, crescendo o seu cabedal científico e as suas conclusões terapêuticas.

.. Desde 1905 começou Roxo a contribuir para a evolução da terapêutica psiquiátrica. Tratamento da epilepsia, é um dos seus primeiros trabalhos, e uma vista d’olhos através da sua fé de contribuições científicas, ele nos oferece métodos de tratamentos originais — no Delírio episódico — o valerianato de atropina, no Alcoolismo — o Extrato fluido de Capsicum anum, e não exageramos ao dizer, que para todas as doenças mentais, o mestre tem um tratamento seu, uma fórmula sua, uma orientação pessoal, que ele jamais escondeu, pelo contrário, em face das mais doutas sociedades médicas do Uruguai, da Argentina, da França, dos Estados Unidos, ele os expôs, defendeu e convenceu, recebendo em 1937, na cidade Luz, após ter feito três conferências, uma delas na Sociedade Médica Psicológica, in-

titulada — “Métodos especiais de tratamento das doenças mentais”, os mais destacados elogios e muito mais, despertando o interesse pela Flora medicamentosa brasileira.

Em 1934 o mestre Roxo brindou a biblioteca médica brasileira com uma terapêutica especializada, primeira e única no Brasil, terceira em todo o mundo. Já há muito ele se consagrara como clínico, agora era o terapeuta. Tratamento dos Nervosos e Psicopatas — este é o título do seu trabalho, desmentiu a assertiva de Spielmayer e prestou favor imorredouro ao meio médico brasileiro, pondo-lhe ao alcance das mãos, em 268 páginas, a experiência e a observação clínica de mais de um quarto de século de vida útil e empreendedora. Tratamento dos Nervosos e Psicopatas — título simples de mais para o valor da obra, mas o que esperar de Henrique Roxo, senão a modéstia clássica de Roxo, a simplicidade que o exalta aos olhos de todos, e que ao mesmo tempo faz nascer em quem dele se aproxima um elo afetivo profundo, fruto exclusivo da sua personalidade ímpar. “Tratamento dos Nervosos e Psicopatas”, nos oferece motivos de sobra para assim concluirmos como é exuberante a capacidade de formular do mestre, como são vastos os seus conhecimentos terapêuticos, como é preciso na distribuição de dosagens, como é original, como é pessoal e como é nacionalista.

Vejamos algumas de suas fórmulas:

Nas psicoses tireoideas:

Uso Interno:

Luminal — 2 centigr.

Ext. de lúpulo a.a.

Ext. de alface 10 centigr.

T.S.A. 1 pílula. Me n. 40 Tome 4 ao dia.

Na psicose alcoólica sub-aguda:

Uso Interno:

Ext. fluido de cemicifuga racemosa — 20,0

Ext. de Capsicum anum — 10,0.

Dito de belladonna — 0,20.

Tome XX gottas, três vezes ao dia.

Nas toxicomanias:

Morfinomanos:

Uso Interno:

Xpe. de cloral de Codex — 205,0

Ext. fluido de herva botão — 20,0

Sulfto. de espateina — 0,20.

Tome três colheres de sopa cada dia, em agua açucarada.

E é sempre assim, pouco prescreve, muito fórmula, manejando com uma perícia extraordinária, os mais diversos medicamentos, os mais variados extratos fluidos, ora uns, ora outros, e quase sempre em sinergia, consegue o mestre Roxo com a sua simbiose medicamentosa curar e aliviar os insanos o leit-motiv da sua vida de médico.

Na regência da cátedra da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, uma boa parte do tempo ele dedica a terapêutica psiquiátrica, e hoje os seus discípulos se espalham no Brasil do Norte ao Sul do Leste ao Oeste, e assim, nos quatro cantos da Nação, quando um médico defronta um caso de psicopatia, é de Roxo que ele se recorda e é no Roxo que ele se orienta.

Permita-me mestre, que eu conteste o título "Tratamento dos Nervosos e Psicopatas", permita-me que eu o faça eximido de toda a parte afetiva que a convivência diária de longos anos de trabalho fez nascer em mim, mas, que, para fazê-lo, eu invoque os dias gloriosos das tuas conferências magistrais em várias nações do mundo e nas quais colocastes bem alto o conceito do médico brasileiro, que eu sinto que em todo o Brasil os teus discípulos e internos de ontem, médicos de hoje e de amanhã, continuam curando e aliviando os insanos, com os ensinamentos que lhes destes com a tua terapêutica, fruto de tua experiência e observação, de que eu te aponte a todo o Brasil como o grande construtor da terapêutica brasileira das doenças mentais, por tudo isto mestre, o título que melhor assenta ao teu livro, é: Terapêutica Brasileira dos Nervosos e Psicopatas.

ESPIRITO E ATIVIDADE DA SOCIEDADE PESTALOZZI DO BRASIL (*)

Por

Helena Antipoff

Diretora-técnica da Sociedade Pestalozzi do Brasil

Antes de mais nada, venho trazer à Liga Brasileira de Higiene Mental, a seu Presidente, Prof. Henrique Roxo e a seu Secretário Geral, Dr. Aranha de Moura, o nosso profundo agradecimento pelo acolhimento que recebeu a Sociedade Pestalozzi do Brasil, apenas nascida, desta tradicional associação. Não é apenas o conforto material que a nova Sociedade fica devendo à Liga, com a localização do seu secretariado numa das salas da Liga, mas ainda o prestígio que lhe vem com este amparo.

Agradeço ainda o convite que nos foi dirigido pela Liga Brasileira de Higiene Mental de vir falar sobre nosso trabalho, divulgando assim, através de contato direto com os membros da Liga, alguns dos projetos, como as intenções e o espírito da Sociedade Pestalozzi.

Segundo rezam os estatutos aprovados em 4 de julho de 1945:

A Sociedade Pestalozzi do Brasil terá por fim o estudo, o tratamento e ajustamento social das crianças e adolescentes, cujo desenvolvimento mental, aptidões e caráter necessitem duma assistência individual, dentro dum ambiente médico-pedagógico especialmente orientado.

(*) — Conferência realizada na Liga Brasileira de Higiene Mental.

DOS SERVIÇOS E DO FUNCIONAMENTO

Art. 2 — Para realização dos seus fins, a Sociedade Pestalozzi orientará, promoverá, organizará e manterá os necessários serviços, dentre os quais se podem enumerar:

- 1 — Consultórios médico-pedagógicos.
- 2 — Centros de orientação educacional e vocacional.
- 3 — Escolas infantis especiais.
- 4 — Escolas especiais de curso primário.
- 5 — Clínicas ou Consultórios de Adolescentes.
- 6 — Oficinas pedagógicas de trabalhos manuais.
- 7 — Studios de atividades artísticas.
- 8 — Centros esportivos e de recreação.
- 9 — Granjas-Escolas para trabalhos agrícolas e derivados.
- 10 — Orientação de educadores do meio familiar.
- 11 — Orientação, preparo e estágios para educadores e médicos especializados.
- 12 — Laboratórios de pesquisas médico-pedagógicas e sociais.
- 13 — Publicações e revistas especializadas em assuntos de ortofrenia infantil e juvenil.
- 14 — Reuniões de especialistas em assuntos ligados à infância e à adolescência excepcionais.

Art. 3 — Os serviços enumerados e outros, destinados ao estudo, a educação, tratamento e ajustamento social, serão criados na medida das necessidades pela própria Sociedade. Poderá a Sociedade também patrocinar serviços já criados ou a serem criados, ainda que não estejam econômica e administrativamente a ela ligados, porém orientados ou controlados tecnicamente por ela, mediante entendimento com seus dirigentes por meio de contratos escritos.

Art. 4 — A ação da Sociedade Pestalozzi do Brasil, terá um caráter humanitário e será baseada no estudo mais objetivo possível das necessidades e possibilidades individuais, orientadas para o bem-estar coletivo.

Art. 5 — Os serviços prestados serão remunerados se-

gundo tabelas equitativas, de acordo com a situação financeira dos interessados, sendo porém gratuitos para os necessitados.

Art. 6 — A Sociedade poderá ter filiais em qualquer Estado brasileiro.

Embora vise em primeiro lugar o tratamento, educação e reajustamento da criança e do adolescente excepcionais, isto é, aqueles cujos pais ou mestres venham procurar a Sociedade para que esta possa "dar jeito" no que a natureza ou outros fatores tenham causado, sem o necessário ajustamento social, não deixa a Sociedade Pestalozzi de ser uma obra essencialmente preventiva, contra os males e desajustamentos mais graves e, como tal, desempenha um papel autêntico de higiene mental.

De que meios pretende lançar mão para esta obra de profilaxia mental? — Vejo-a nesta Campanha que, junto à família, à sociedade, à escola, pela imprensa, ou pelo rádio, em conferências, aulas ou reuniões, ela faz, despertando o interesse pelos problemas de conduta e de desenvolvimento mental. Esperamos assim que pais e mestres, médicos e administradores venham a compreender que os distúrbios de caráter, retardos mentais, deficiências senso-motoras etc., merecem a atenção e, com ela, a possibilidade de minorar seus efeitos negativos no futuro adulto, quanto mais cedo fossem despistados os sinais precursores de desajustamento afim de tratá-los com a maior eficiência possível, quanto mais cedo fôssem revelados aos olhos dos médicos e educadores estas dificuldades de adaptação mental e social — maior chance terão seus portadores de, senão a normalização do seu estado, pelo menos a maior adaptação.

Isto precisa ser dito bem alto e ser repetido sempre, porque há muita tendência em guardar em segredo, não revelar as dificuldades, levando-as ao especialista senão depois que a criança já tiver fracassado, anos a fio, na escola, depois de ter sofrido toda espécie de humilhações e de desânimo, com seu estado não ajustado.

Há dois períodos particularmente vulneráveis na vida mental da criança: o primeiro surge em torno de 2 a 3 anos de idade,

quando a criança consegue grandes vitórias com o impulso intenso do seu crescimento: já sabe andar, falar, exprimir seus desejos e censuras, sua desobediência, sua ânsia de liberdade levam-na algumas vezes a mais impetuosa independência e negativismo. Isto se observa tanto mais quando a criança e o ambiente se colocam em dois campos opostos e ensaiam uma luta de igual a igual: o pequerrucho dum lado, mãe, pai, ama-sêca, irmãos maiores — do outro. Ela se agrava quando vem surgindo no ambiente familiar opiniões diferentes, umas mais severas, outras menos, e que alongam a luta, que normalmente dura entre 6 e 18 meses.

Para esta primeira crise de caráter e de personalidade, — as obras de Higiene Mental deveriam manter consultórios próprios, pois a clientela, nesta idade, é numerosa, talvez a mais frequente de todas, segundo a opinião de alguns pediatras. Consultórios médico-pedagógicos ou Clínicas de hábitos, de ortofrenia, ou, melhor, Centros para crianças de idade pré-escolar são indispensáveis. Eles o são tanto mais quando sabemos que no Brasil as escolas maternais e jardins de infância são pouquíssimos. Em Belo Horizonte, por exemplo, sei que para 250.000 habitantes, existem dois Jardins apenas oficiais e menos de dez particulares, geralmente adidos aos Colégios, para criança do meio privilegiado.

E' compreensível que a Sociedade Pestalozzi do Brasil queira ter, o mais breve possível, o seu "Centro da Criança", com salas, brinquedos, no qual acolheria, durante algumas horas do dia, os pequenos neuróticos, os impulsivos, os agressivos, para melhor estudar suas tendências e tratá-las. Ao mesmo tempo isto permitirá à família e à própria criança um descanso mútuo, uma separação de algumas horas por dia, sempre benéfica em semelhantes casos.

Com o desenvolvimento da rede escolar primária no Brasil, a criança, no período da segunda infância, acha-se melhor servida. Encontra na escola um ambiente social sadio; na doença ou em qualquer distúrbio pode ser dirigida ao médico escolar; este possui alguns meios para indicar tratamentos ou mesmo internação em clínicas, através do serviço de ortofrenia esco-

lar, dirigir para colônias de férias, afastar do ambiente impróprio, internando em educandários de assistência social, geralmente a partir de 7-8 anos.

Na adolescência, outra vez o ser humano acha-se com pouquíssimos recursos aqui no Brasil, na época das mais críticas — tanto para seu estado biológico, como econômico-social. Não é mais criança e já não goza mais do amparo desta e nem tampouco chegou a ter direitos de adulto para resolver livre e espontaneamente seus problemas de adolescente. Faltam-lhe serviços organizados, para a maioria, como a escola; não mais compreende-o a família, nem ele mesmo deseja, muitas vezes, continuar dependendo dela.

São imprescindíveis, neste período, Consultórios abertos para adolescentes, que o jovem procurará quando deles sentir necessidade. Consultórios idôneos, de caráter antes médico-pedagógico que simplesmente médico. Contaram-me outro dia o caso doloroso dum adolescente-suicida, nas gavetas do qual acharam muitos endereços de consultórios para doenças nervosas e mentais. Terá ele procurado alguns e terão estes compreendido o caso, usando de bastante discreção para não causar o choque, às vezes fatal se não fôr feita a consulta por médico suficientemente educador?

O prof. Mira y Lopez, na sua magistral conferência sobre a Higiene Mental do Adolescente, que pronunciou no Instituto Nacional de Puericultura, mostrou a necessidade de se criar quanto mais cedo estes Consultórios para Adolescentes, nos bairros, nas associações juvenis, servindo o adolescente de maneira quasi familiar nas suas dúvidas e mal-estares.

A Sociedade Pestalozzi do Brasil, pensa aproveitar bastante a futura vinda do Prof. Mira y Lopez ao Brasil, que o Dasp, juntamente com o Departamento Nacional da Criança e a Divisão do Ensino Industrial e Agrícola promovem, em mês de outubro próximo, afim de mandar, junto ao grupo de estudiosos que trabalharão com ele, alguns médicos, educadores e assistentes sociais para criar este serviço de higiene mental, devidamente preparado, para adolescentes.

Ao nosso ver, estes serviços, não devem ter o caráter mé-

dico apenas — não devem se chamar Consultório Psiquiátrico — porque antes de se declarar o distúrbio sob a forma de doença, e a mais terrível de todas — a loucura — o jovem deveria ter bastantes recursos, tempo e confiança para prevenir a doença e, neste caso, consultar um educador e um médico-clínico, ao par dos problemas que torturam a juventude, para prevenir o mal com uma adaptação oportuna. Lembro-me que na corte imperial dos tsares de todas as Rússias, "havia um vasto corpo de médicos (Leib-médicos se chamavam), os melhores especialistas para doenças possíveis de suas Magestades: doenças internas, de vias respiratórias, circulatórias; oculistas, oto-rino-laringologistas, etc. Não havia, um só psiquiatra no corpo médico dos Romanoff. Como se a loucura não fosse possível entre eles... Queria que acontecesse o mesmo no que diz respeito ao adolescente. Que tivesse ele todos os serviços preventivos, médicos, pedagógicos e sociais à sua disposição, afim de prevenir a loucura e torná-la impensável ainda nesta idade. Há nisto algo de mais tônico e mais piedoso para o jovem que inicia a sua vida e onde o cuidado social e pedagógico deve ser extremamente delicado e ativo.

Adotando o ponto de vista da neuro-psiquiatria moderna, a Sociedade Pestalozzi do Brasil, como a de Belo Horizonte, evitará para com os adolescentes e crianças diagnósticos negativos. Rara vez, porque sempre combatíamos isto, as fichas das crianças e adolescentes examinados nos nossos consultórios levavam o diagnóstico dum estado somático ou mental.

Fazia-se antes uma descrição mais ampla dos caracteres observados, com certa minúcia, apontando as modalidades pelas quais a criança reagia e era capaz de fazer, mesmo que sua ficha revelasse um quociente intelectual insignificante, uma idade mental baixíssima. Com este nível intelectual, o adolescente provavelmente não aprenderia a ler e a escrever (com os nossos métodos atuais); mas sua inteligência senso-motora e suas atitudes sociais permitiam-lhe a execução de trabalhos úteis à coletividade, muitas vezes superiores a uma criança que brilhava nas suas respostas ao teste de Binet-Terman, por exemplo. Os ditos imbecis, na Escola-Granja da Sociedade

Pestalozzi, em Minas, realizam trabalhos de grande responsabilidade; na parte da cozinha, da lavoura, e mesmo na vigilância, são servidores utilíssimos e fiéis membros nada parasitários, da coletividade, que não se limitando ao diagnóstico apenas, visa antes de mais nada, o aproveitamento ótimo da sua personalidade. Mesmo os ditos imbecis profundos sentem com prazer o peso da responsabilidade e não há esforços que neguem à casa. Dando-lhes o tratamento mais humano possível, muito respeito à sua dignidade de homem, muita atenção também às peculiaridades de sua estrutura bio-social e seu caráter, os imbecis e mesmo certos idiotas podem ser membros úteis da coletividade.

Outro ponto de vista: não há necessidade absoluta de segregá-los em asilos especiais e retirá-los do convívio com crianças ou adolescentes normais.

Este ponto de vista pestalozziano, já verificado pela experiência de mais de um lustro, desde 1940, data em que foi fundada a Fazenda do Rosário da Sociedade Pestalozzi de Minas, não nos fez ainda retroceder e duvidar do seu valor.

O sistema é aberto: tanto para crianças internas, como para externas. As primeiras vêm procurando a Sociedade Pestalozzi, porque não podem continuar nas condições comuns da família, da escola e da sociedade. São crianças, trazidas de vários pontos do Brasil, algumas com taras bastante pesadas. Nem por isto achamos inconveniente de receber outras crianças — crianças vizinhas da região onde é localizada a nossa Fazenda — crianças estas que vinham à procura duma escola de primeiras letras. Na ausência de qualquer outra escola rural, particular ou pública, estas crianças normais, devidamente classificadas, aprendem, lado a lado com os internos. Estabelece-se entre a Fazenda e a população um intercâmbio estreito, e tanto os nossos meninos excepcionais, especialmente selecionados, como as crianças da vizinhança, progredem sem novidade, sem qualquer desvantagem desta mistura. Apenas as classes são menos numerosas e as professoras mais preparadas para tarefa mais complexa.

No Instituto Pestalozzi, em Belo Horizonte, dá-se a mesma coisa: nas festas, por exemplo, escolares dos grupos vizinhos assistiam lado a lado com os nossos alunos, admiravam uma peça de teatro, um auditório, e liam jornaizinhos impressos por nossos alunos.

Vimos o mesmo aqui no Rio no Festival Infantil de domingo passado, dado pela Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Leme. Entre as visitas, lado a lado, tivemos crianças comuns e crianças excepcionais, que a família trazia junto com os irmãos. Geralmente aproveitam muito nestas festas.

Somos contra a segregação dos excepcionais em estabelecimentos fechados, já dissemos, especialmente com muros altos e portões de ferro. Quanto mais liberdade e confiança damos ao ser humano, tanto melhores resultados podemos esperar dele. Naturalmente para que um educandário possa permitir o luxo dessa liberdade, precisa ter um corpo de educadores apropriado a este regime de vida. Por isto, compreendemos também quanto exige de cuidados a escolha do pessoal, a sua preparação para a carreira de educador, a sua competência em lidar com a criança e compreender os problemas humanos dentro de uma coletividade que se civiliza. E como não há contágios para enfermeiros e médicos nos bons hospitais em que hajam enfermos de tifo exantemático, por exemplo, ou da tuberculose, da mesma forma pouco perigo apresentam estas crianças excepcionais para as crianças do tipo comum, os ditos anormais. Até pelo contrário, têm-se visto: nossos meninos excepcionais, e alguns bem anormais do lado intelectual ou do caráter mesmo, por mais das vezes ofereciam um quadro modelar de comportamento, às vezes altamente moral nos encontros com crianças que, de meios ricos e privilegiados, vinham passar um domingo na Fazenda ou uma temporada mais longa na Casa de Repouso da Fazenda para o descanso dos intelectuais e suas famílias. Conclusão: na obra de assistência à criança excepcional, mesmo nos degraus mais baixos de suas possibilidades

mentais, mesmo nos distúrbios bastante graves de seu caráter, podem conviver lado a lado com crianças comuns, desde que se achem num ambiente médico e pedagógico apropriado, especialmente quando estão entregues a verdadeiros educadores. Este é o problema capital de todo futuro trabalho da Sociedade Pestalozzi do Brasil: a seleção e o preparo do pessoal — médicos, educadores, enfermeiros, mestres, assistentes sociais — todos estes instrumentos humanos de ação de readaptação — devem receber maiores cuidados. Pouco valem palacetes, instalações luxuosas, aparelhamento mais moderno em matéria de medicina e pedagogia — se faltar homens para dar a estes ambientes e a este aparelhamento a devida aplicação e utilização.

Quando os meios não permitem que tudo esteja perfeito, sempre preferimos aos aspectos materiais perfeitos, os mais perfeitos característicos pedagógicos, isto é, da capacidade pedagógica. Com um bom educador — uma aula à sombra duma árvore vale milhares de vezes mais que um pedagogium modernamente instalado em que atua um educador medíocre e sem a devida inclinação e competência para o gênero de trabalho que dele exige este pedagogium. Assim, sempre deveria ser obedecida esta regra: gastar menos com instalações materiais e mais com o pessoal. Um pessoal bem remunerado e devidamente selecionado, completa pouco a pouco a instalação e, principalmente, compensa as falhas da instalação com recursos essencialmente pedagógicos.

Será desta maneira a grande preocupação da Sociedade Pestalozzi — montar o quanto antes uma escola normal para especialização de mestres e educadores com crianças excepcionais. Enquanto quasi nada fizemos ainda para atender as crianças, já demos alguns passos na orientação dum grupo de educadores e médicos no trato de certos distúrbios de linguagem e na prática especial de aperfeiçoamento nas classes. Preconizando, mais largamente possível, a aplicação aos excepcionais da escola ativa e da educação funcional, devemos tornar o ensino mais individualizado possível. São indispensáveis para isto serviços extra-escolares, instituições sociais per-

mitindo atividades artísticas, científicas, industriais e agrícolas, para dar a cada indivíduo, aquilo que mais possa empolgar a sua personalidade, mesmo defeituosa e diminuída. Vê-se, que a escola comum, que mal satisfaz a criança dita normal, não servirá aos fins desta transformação, porque a escola comum por mais das vezes não educa, ensina apenas. Não atendendo as diferenças individuais, reduzindo a atividade de todos numa espécie de estado de mormaço mental. Ambientes e atividades para excepcionais precisam da colaboração intensa: dos artistas talentosos, dos mestres habilidosos, dos homens bem formados e dinâmicos.

Por isto, a Sociedade Pestalozzi lança um apelo a estes homens e pede-lhes, não uma colaboração rotineira e um *pis-aller*, mas o máximo de seu esforço e de sua capacidade, em campo que lhe seja mais familiar e no qual pode ser considerado competente e bem integrado. Que sejam educadores, mestres, artistas ou médicos, a eles dirigimos um apêlo para dar o melhor de si. Pudessem vir, cada um, com a sua especialidade predileta, com seus estudos bem em foco, com seus resultados já bem comprovados de tratamento médico ou pedagógico, e a obra com a infância e adolescência excepcional poderia reverter em benefício geral numa educação melhor e dum tratamento mais eficiente. Esta é a oportunidade que temos, educadores e médicos, de levar a pesquisa bastante longe e auxiliar a resolver, mais tarde, junto, ou simultaneamente, com o trato à criança comum, os benefícios desta franca colaboração.

Terminando a nossa já longa palestra, quero frizar o quanto a Sociedade Pestalozzi, tão nova e frágil ainda, necessita do apoio moral, da compreensão e do auxílio por parte de associações como esta já veterana Liga Brasileira de Higiene Mental. Alguns dos nossos serviços são tão intimamente ligados às finalidades da Liga, que não necessitam nada criar de novo: apenas pedir que fossem incluídos mais alguns, como por exemplo, seria útil, penso eu, pedir a Liga umas páginas de sua bela Revista, para a Higiene Mental da Infância e Adolescência, especialmente reservadas.

Longe das intenções da nova Sociedade Pestalozzi, absorver serviços, monopolizar o tratamento da criança excepcional. Toda e qualquer totalização nos é abjeta, porquanto achamos, na cooperação livre a garantia do êxito. Precisamos de escolas. Preconizamos serviços conjugados entre médicos, educadores e assistentes sociais — dentro dum campo mais aberto e mais livre de possível atuação. Assim poderemos reduzir de maneira significativa, as dificuldades que o problema dos excepcionais coloca perante a sociedade brasileira.

Si podemos oferecer algo *sui-generis* a esta colaboração de todos, acho que não será presunçoso dizer que os pestalozzianos podem trazer a esta obra comum, com a nossa cooperação, o entusiasmo e um otimismo quasi inesgotável.

ASSISTÊNCIA MÉDICO-SOCIAL AO FUNCIONÁRIO PÚBLICO

O Dr. Oswaldo Moura Brasil do Amaral, é inegavelmente um dos grandes conhecedores dos nossos problemas de medicina social. Chamado pelo governo para dirigir o Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Servidores do Estado, tem ele agora esplêndida oportunidade para pôr em prática as suas idéias e princípios, consubstanciados em vasto programa de realizações cujos principais itens foram enunciados em entrevista que concedeu à imprensa, antes de assumir o cargo.

Sendo de opinião que a higiene mental constitui um dos pontos básicos do programa de defesa da saúde da nossa população, está o Dr. Oswaldo Moura Brasil se manifestando de perfeito acôrdo com os sadios objetivos da nossa Liga e merecendo, por isso, o nosso integral aplauso.

— O Hospital dos Servidores Públicos, disse-nos S.S., deverá cuidar tanto da saúde física como mental de todos os que prestam serviços ao Estado. E a higiene mental, na minha opinião, deve figurar sempre ao lado de outros programas profiláticos que se tenham de estabelecer, no futuro, em favor da laboriosa classe.

“Dos problemas brasileiros de medicina social não se pode dizer qual seja o mais importante, continuou. Para que se possa aquilatar da complexidade do assunto, basta mencionar os problemas de assistência ao tuberculoso e de combate à mais difundida de quantas doenças letais nos assaltam; o da mortalidade infantil; o do ataque e defesa social contra a lepra; o problema do câncer e o da assistência ao cardíaco, para citar

apenas os que ferem mais brutalmente os índices das nossas estatísticas demográficas.

“A tuberculose ocupa sozinha a média de um décimo do obituário geral. Dezenas de milhares de brasileiros sucumbem anualmente à terrível doença. Mas não se diga que o mal encontrou aqui, graças à nossa ignorância ou ao nosso descaso, um clima ideal e único para a sua ceifa. A questão da tuberculose é universal e nos grandes países, de amplos recursos e vastos aparelhamentos sanitários de defesa, a luta contra o flagelo oferece idênticos aspectos.

“E’ verdade que entre nós — prosseguiu — as condições de pauperismo das grossas camadas da população, incidindo num estado geral de subnutrição, a ignorância, a rudimentar alfabetização prejudicando os esforços administrativos de educação e propaganda profilática e, sobretudo, a lamentável ausência de uma consciência sanitária, mesmo no seio das classes sociais mais favorecidas, tudo isso faz mais grave o problema, torna mais difícil os meios de ataque e impotentes os recursos de defesa utilizados pelas nossas instituições oficiais ou privadas. Mas todos os que estudam esse assunto procurando solução para os seus mais palpitantes aspectos, chegam à conclusão de que a tuberculose é, antes de tudo, uma questão de polícia preventiva, o que implica em dizer: um problema de administração pública que deve estar sempre presente nas cogitações dos homens de governo.”

A MORTALIDADE INFANTIL

— “Em torno a mortalidade infantil — continuou o Dr. Oswaldo Moura Brasil — que assume em algumas regiões do nosso país aspectos de calamidade pública, tal a sua extensão e funestas consequências, é de esperar uma congregação enérgica de interesses, da parte dos homens de administração que se fizerem herdeiros das nossas obrigações de saúde pública. Aliás, devemos reconhecer que o problema e sua extrema gravidade não são ignorados, nem foram tampouco relegados a planos administrativos secundários pelos poderes públicos. Já

em 1933 o governo federal convocava a Primeira Conferência Nacional da Criança, para que lhe fôsem fornecidos "os métodos e diretrizes a seguir para promover o bem estar, a saúde, o desenvolvimento e educação da criança, desde antes do nascimento pela assistência à maternidade, até a idade escolar e a adolescência, e também proporcionar-lhe os subsídios indispensáveis à promulgação de leis e regulamentos tendentes a realizar a proteção da infância, com segurança de êxito.

"Foi muito oportuna a criação do Departamento Nacional da Criança, com os seus vastos planos visando não apenas o amparo restrito à criança, mas abarcando todos os problemas adjacentes, a assistência à maternidade, o cuidado ao recém-nascido, os serviços de higiene e alimentação infantil, etc. O grave problema da mortalidade infantil entre nós é um imperioso e fundamental problema de Estado.

OS PROBLEMAS DA LEPRO, DO CANCER E DA ASSISTÊNCIA AO CARDÍACO

Prosseguindo, disse ainda o Dr. Moura Brasil:

— "Quanto aos problemas de preservação e combate à lepra e ao câncer, êsses dois terríveis flagelos que, sem embargo do que temos podido fazer, vão alcançando progressos que se refletem em quocientes ponderáveis nas estatísticas oficiais, devemos pugnar pela criação de novos organismos em condições de atacá-los com mais enérgica amplitude, senão para solucioná-los de uma vez, o que seria tarefa impraticável, mas para evitar a sua expansão e conseguir a resultante redução dos seus índices mórbidos e letais.

"Intencionalmente incluímos entre os nossos problemas médico-sociais de mais relevância o da assistência ao cardíaco. Trata-se de um assunto pouco focalizado entre nós, e, por isso, talvez não considerado no mesmo plano de importância dos demais. Em alguns países, como nos Estados Unidos, a assistência ao cardíaco foi de há muito incluída nas cogitações dos poderes públicos, alteando-se entre os problemas mais fundamentais da medicina social. É que as curvas de aumento da

mortalidade por doenças do coração ascendem ali, como em toda a parte, ao nível das mais impiedosas afeções letais.

"Nos Estados Unidos, como noutros grandes países, os governos têm sancionado leis de amparo ao cardíaco, bem como visando medidas profiláticas de natureza etiopatogênica para alcançar a redução dos índices de morbidade, criando-se ainda institutos oficiais especializados com o objetivo de ampliar os atuais recursos clínicos de cura. Tardam entre nós iniciativas semelhantes, pois o problema oferece no Brasil a mesma magnitude, chegando um nosso ilustre e insuspeito cardiologista a afirmar a existência entre nós, de dois doentes do coração para cada cem indivíduos.

— "Reconhecemos que seria pretensão ridícula a tentativa de remoção imediata de um grosso passivo como o que decorre desses gravíssimos males, que mancham as nossas estatísticas demografo-sanitárias, ferem os nossos justos foros de nação culta e portadora de elevados padrões de saneamento e de higiene. Urge porém despertar cada vez mais a consciência nacional para êsses problemas. Que os nossos homens públicos não os desconheçam, não os subestimem, não os façam derivar para os sub-planos dos seus programas administrativos e que, sobretudo, os procurem enfrentar com decidida coragem e consciente resolução.

Vivemos um instante de excepcional agitação, em que todo o mundo fala em reivindicações e aponta problemas à solução dos poderes públicos. Não sabemos de questões de maior premissa e de mais importância entre nós, a exigir o decisivo apoio dos governantes, nos seus programas, do que êsses graves assuntos de medicina social aqui ligeiramente esboçados, todos êles pendentes de gigantescos esforços e todos êles, ainda, desafiando soluções. Êsses problemas são vitais para o futuro do Brasil, para a sua grandeza e a do seu povo.

A SAÚDE DO FUNCIONÁRIO PÚBLICO

"As iniciativas ligadas à preservação da saúde do funcionário público, através de planos vastos de assistência médica e

hospitalar, farmacêutica e odontológica, são também propósitos firmes da nossa administração no IPASE.

"Com o maior empenho procuraremos desenvolver esses serviços, de modo que todos os servidores do Estado, sem exceção, possam encontrar nos mesmos os recursos de que necessitam. Faremos crescer o número de ambulatórios já em funcionamento; desdobraremos os serviços de cardiologia, de fisiologia e os demais de combate a moléstias infecciosas; cuidaremos da fundação de novas clínicas especializadas e de novos estabelecimentos hospitalares, estendendo esses benefícios à toda a vasta área de ação do IPASE, nesta capital como nos Estados, tudo isso, é claro, de acordo com as possibilidades que se nos ofereçam. Por outro lado, serão realizadas, no Instituto, conferências educacionais.

"Como ponto de partida para a série de iniciativas no campo da assistência médica e hospitalar, faremos inaugurar, com a brevidade possível, o grande hospital, em conclusão, dos Servidores do Estado.

"Em resumo — concluiu o Dr. Meura Brasil do Amaral — podemos dizer que todos os nossos propósitos de realizações à frente do IPASE convergirão para esse objetivo essencial: o melhoramento sempre crescente das condições gerais de vida do servidor público.

RESUMO DAS ATAS DAS REUNIÕES DA LIGA

Ata da 5.^a Assembléia da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 6 de junho de 1944.

Aberta a sessão e lido o expediente, deu a palavra o Sr. Presidente ao Livre-docente da Clínica Psiquiátrica e Membro das seções de Estudos desta Liga, Dr. Francisco de Sá Pires, para falar sobre o tema "Psiconeurose, doença profissional do bancário".

Apresentou o conferencista uma série de observações do serviço de neuropsiquiatria, do qual é médico-chefe no Instituto dos Bancários, observações catalogadas desde 1940. Comportam os dados estatísticos pelo que esplanou o Dr. Sá Pires, um grande aumento de doenças nervosas entre os bancários, com notória percentagem de psiconeuroses. O sentimento da responsabilidade da própria profissão, ao lado do aspecto econômico (insuficiência de salários) são, na opinião do expositor, os responsáveis pelas angústias e idéias obsessivas. Exibiu os mapas demonstrativos e concluiu apelando para os Bancos e Casas-bancárias aumentarem os salários dos seus empregados, como meio profilático das psicoses entre os bancários.

Agradeceu o Sr. Presidente ao conferencista a apresentação do trabalho, com louvores ao Dr. Sá Pires.

Pediu em seguida a palavra o Sr. Roberto de Gouvêa e solicitou ser a conferência do Dr. Sá Pires publicada no órgão do Sindicato dos Bancários.

A convite do Sr. Presidente, o Dr. Júlio Paternostro aceitou a incumbência de falar na próxima sessão. S.S. disser-

tará sobre "Da incidência de distúrbios mentais entre os Ferroviários".

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão às 18 horas e 25 minutos.

(a.a.) Henrique Roxo
Silvio Aranha de Moura

Aprovada na Assembléia Geral, de 6 de julho de 1944.

Ata da 6.^a Assembléia Geral da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 6 de julho de 1944.

Aberta a sessão, o Sr. Presidente convidou para fazerem parte da mesa os Srs. Moacir Malheiros Fernandes Silva, Flávio Pessôas e Oto Prazeres, a quem fez a entrega do título de Sócio Honorário, tendo o Sr. Oto Prazeres pronunciado em seguida algumas palavras de agradecimento e de entusiasmo pela Liga.

Terminada a apresentação do expediente, o Prof. Henrique Roxo, com a palavra, disse, dirigindo-se ao Prof. Plínio Olinto, que embora o governo lhe houvesse concedido a aposentadoria, não lhe faria o mesmo a Liga, por muito carecer do brilho da sua inteligência e da sua infatigável atividade.

Agradeceu o Prof. Plínio Olinto, prometendo dar à Liga a sua restante capacidade de trabalho.

Em seguida o Sr. Presidente falou sobre a sua satisfação de ver no recinto da Liga os Drs. Moacir Silva e Flávio Pessoa fazendo um relato sobre as destacadas personalidades do Dr. Moacir Silva como Consultor-Técnico do Ministério da Viação e Obras Públicas e do Dr. Flávio Pessoa, como Diretor dos Serviços Médicos da Leopoldina Railway. Ambos usaram, em seguida da palavra, agradecendo.

Deu a palavra depois o Sr. Presidente ao Dr. Júlio Pater-nostro, afim de realizar a sua Conferência sobre o tema inscrito "A incidência dos distúrbios mentais entre os ferroviários".

Referiu-se o conferencista aos Serviços Médicos dos Insti-

tutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões, assinalando-os como novas fontes informativas das Neuro-Psicopatias. Disse contarem este Institutos e Caixas com cerca de um milhão de associados, dos quais arrecada o Governo dois bilhões de cruzeiros, não sendo ainda satisfatórios os Serviços Médicos em algumas dessas organizações paraestatais, a seu ver, por falta de uniformização e de uma direção central desses serviços.

Em relação à assistência psiquiátrica então, ressaltou, a diferença é gritante. Enquanto, por exemplo, podem os bancários ser internados em sanatórios, os ferroviários são assistidos nos hospitais do Serviço Nacional de Doenças Mentais como indigentes, tal como aconteceu ultimamente a um médico da Caixa dos Ferroviários, que foi recolhido à Colônia Juliano Moreira, embora o decreto n.º 3.128, de 24 de março de 1941, determine a assistência sanatorial aos ferroviários.

Discorreu em seguida o conferencista sobre palpitantes estudos médico-sociais, apontando as falhas e deficiências na nossa organização de assistência ao trabalhador, e sobre interessantes estudos pessoal, no ponto de vista psicológico, da "assecurose".

Comentaram elogiosamente o trabalho o Dr. Pedro Pernambuco Filho, o Prof. Plínio Olinto, o Dr. Moacir Silva, o Dr. Flávio Pessoa, o Prof. Adauto Botelho, os Drs. Francisco de Sá Pires e Dênis da Malta Ferraz e o Prof. Henrique Roxo. De novo com a palavra o conferencista agradeceu os elogios feitos a seu trabalho.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente encerrou a sessão às 18 horas e 40.

Aprovada na sessão de 5 de setembro de 1944.

(a.a.) Henrique Roxo
Silvio Aranha de Moura.

Ata da 7.^a Assembléia Geral da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 1.^o de agosto de 1944.

Aberta a sessão o Sr. Presidente deu a palavra ao Secre-

tário geral para a apresentação do expediente, que constou o acuso do recebimento de diversas publicações.

Em seguida o Sr. Presidente saudou em nome da Liga a Dra. Lair Ximenes, dando-lhe posse como Membro da Sessão de Estudos "Medicina Legal e Prevenção da Delinquência".

Participou depois o Sr. Presidente à Liga achar-se acamado o Prof. Plínio Olinto, lastimou o estarmos privados da sua ilustre presença e das suas luzes na execução dos nossos trabalhos e pediu que quando qualquer dos sócios da Liga visitasse a este brilhante consócio, fizesse-o também em nome da Liga.

Em seguimento o Sr. Presidente anunciou ter recebido um trabalho do Dr. Oswaldo Camargo, trabalho, a seu ver, muito interessante, pelo que ia lê-lo. Fez então a leitura do trabalho sobre "A Liga Americana de Higiene Mental, sua organização administrativa e seus objetivos. A incalculável influência de um espírito que encontrou a si mesmo". Este trabalho será publicado nos Arquivos da Liga.

Falando depois sobre as Secções de estudos da Liga, o Sr. Presidente nomeou para a Secção Ensino e vulgarização da Neuro-psiquiatria, o Dr. Henrique de Novaes Filho, indicado pelo secretário geral.

Ainda no expediente o Prof. Aduato Botelho, diretor geral do Serviço Nacional de Doenças Mentais, solicitando a palavra, fez um relato sobre a sua recente viagem ao Estado do Ceará, onde fundou uma Colônia para psicopatas, nos moldes da Colônia Juliano Moreira.

Logo após, o Sr. Presidente deu a palavra ao Dr. Pedro Pernambuco Filho, conferencista inscrito, afim de dissertar sobre o tema "Desajustamento do menor transviado. Causas e consequências".

"Durante largo tempo, disse o ilustre conferencista, a criança foi incompreendida. O direito de pensar, sentir e querer, de acordo com as várias idades, só tardiamente foi compreendido, graças a Jean Jacques Rousseau. Desde aí começaram, então, os psico-pedagogos a dar melhor atenção à criança e a considerar as suas tendências e o seu comportamento nesta fase

da vida, não como um erro que fôsse necessário corrigir, mas como um fato natural na sua evolução sômato-psíquica.

"Será a criança boa? Será a criança má? perguntou. Estudos da questão, disse, opinam que a criança é um indivíduo em que há, em parte ou totalmente, uma deficiência do senso comum. Nela há sentimentos, inclinações, que vão sendo inibidos ou sufreados à medida que o tempo passa.

"Estas manifestações que seriam, no homem já formado, fatos anômalos, característicos e propensões à delinquência, podem ser julgadas fatos naturais na criança, em virtude de estar ainda em plena evolução o seu psiquismo.

"As crianças, sendo seres de desenvolvimento incompleto, não podemos considerá-las, sobretudo em relação ao seu aspecto social, como indivíduos perfeitamente normais e por isto, opina Henyer, o seu valor social reside menos no presente do que no futuro.

— Diz Samuel Gajardo que "o delito tem sua gênese no egoísmo humano". E' a educação que ensina o indivíduo a transformar esse egoísmo nos sentimentos nobres, que são o altruísmo e a solidariedade humana.

"A educação é, pois, o fator primordial para o ajustamento do homem às exigências impostas às agremiações sociais pelo cultivo dos sentimentos, das idéias, porque canaliza as tendências biológicas, os instintos naturais da criança, para hábitos de sociabilidade e o respeito às leis que regem a sociedade.

"Se lhe falta esse apoio, de que tanto carece para se adaptar às situações ambientais e não encontra defesa para os seus receios e suas inquietações, começa então a manifestar hábitos e maneiras que espelham a deficiência moral e afetiva do meio, e, desde então, inicia o seu estado de desajustamento, sempre em acordo com o temperamento que lhe é próprio.

"Daí decorre que nos lares desorganizados, em que há separação dos cônjuges, ou em que os mesmos vivem em rixas constantes, colocando a criança numa situação de perene emotividade em face das circunstâncias ambientais, o menor, pela situação da inquietação e desassossego em que vive, vai preparando o seu psiquismo para uma reação anormal no futuro.

Dêste estado emocional constante, disse, advem, posteriormente, a delinquência ou a neurose infantil, como um fator de compensação ou como a esteriorização do seu estado anímico.

"Órfãos de pais vivos, essas crianças vão procurar, fóra de seus lares, meios ilícitos para se manterem. A vagabundagem diz bem Helié, "é a escola primária do delito" e a criança que perambula átoa pelas ruas, logo encontra outras em idênticas condições para com elas se ajuntarem e formarem as "trincas" de que se originam os futuros criminosos.

"E" de salientar, que, nas imediações dos doze anos, as crianças se agregam exclusivamente por uma necessidade de distração e brinquedo ou jogo, e nunca por condição afetiva.

"A camaradagem com laços afetivos, ressaltou, só se manifesta posteriormente, quando as tendências sentimentais despontam com a vinda da puberdade ou a eclosão da adolescência. Daí, então, o agrupamento começa a se fazer, não mais de modo efêmero, mas baseado em condições mais sólidas determinadas pelo fator afeição."

Referiu-se depois ao valor da escola como meio de profilaxia e diminuição da criminalidade infantil. A respeito dêste valor, apresentou várias fichas do serviço que dirige — Centro de Pesquisas Educacionais da Secretaria Geral de Educação e Cultura, para mostrar que a orientação do Serviço de Ortofrenia e Psicologia veio trazer o reajustamento da criança que começa a se transviar ao meio escolar e social.

Terminando, mostrou a influência dos fatores ambientais nocivos, ativamente e passivamente máus, condicionando a atitude agressiva da criança no meio escolar e na sociedade como uma compensação e citou os meios corretivos capazes de fazer a reeducação dêstes anômalos mentais.

A conferência foi vivamente aplaudida. O Sr. Presidente elogiou e agradeceu ao conferencista.

Inscreeu-se para falar na próxima sessão o Dr. Oto Prazeres, que dissertará sobre o tema "No mundo dos neurastênicos".

Não havendo mais assunto a tratar, foi encerrada a sessão às 18 horas e 50 minutos.

Aprovada na Assembléia Geral de 5 de setembro de 1944.

(a.a.) Henrique Roxo

Silvio Aranha de Moura.

Ata da 8.ª Assembléia Geral, da Liga de Higiene Mental, realizada a 5 de setembro, ano de 1944.

Aberta a sessão o Sr. Presidente deu a palavra ao Secretário geral para a apresentação do expediente.

Leu o Secretário geral as atas das Assembléias gerais de 6 de julho e de 1.ª de agosto, que, postas em discussão e submetidas a aprovação, foram aprovadas sem emendas e fez em seguida a apresentação das publicações recebidas.

Também constou do expediente o recebimento de uma carta da Liga Argentina de Profilaxia Social, datada de 11 de agosto, assinada pelo Secretário e Presidente da mesma, solicitando a designação de um representante desta Liga à 10.ª Celebração anual do "Dia antivenéreo", que terá lugar naquela Sociedade, a 11 do corrente, em Buenos Aires. Esta carta faz referência a outra do dia 18 de julho passado, sobre o mesmo assunto, — não recebida. Em vista de nenhum dos Membros desta Liga em condições de poder desempenhar as funções aceitar tal incumbência, deixou de ser feita a designação. Ainda no expediente, pedindo a palavra, o Dr. Artur Augusto de Oliveira Lima propoz fôsse exarada em Ata uma homenagem da Liga à memória do jornalista José Carlos Rodrigues, pela passagem hoje do centenário do nascimento dêste grande vulto da intelectualidade brasileira, — considerando haver sido também José Carlos Rodrigues um batalhador honesto e incansável em prol dos princípios justos de uma verdadeira higiene social. Posta em votação, foi a proposta aprovada por absoluta unanimidade.

Terminado o expediente deu o Prof. Henrique Roxo, a palavra ao jornalista Otto Prazeres, conferencista inscrito para falar sobre o tema "No mundo dos neurastênicos".

Pronunciou o Dr. Otto Prazeres uma conferência muito interessante, curiosa auto-observação, na qual S.S. relatou todos os sintomas por ele sentidos na sua mocidade, quando na ergastênica luta em que se demorou para a consecussão dos cargos e funções que tão brilhantemente obteve.

Esta sua conferência, para a qual se limitou a escrever só pequenas notas, foi muito aplaudida.

A convite do Prof. Roxo, aceitou o Prof. Adauto Botelho a sua inscrição como conferencista para a reunião do próximo mês.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão, às 18 horas e trinta.

[Aprovada na Assembléia Geral de 12 de dezembro de 1944 com a emenda exarada na ata.

(a.a.) Henrique Roxo
Silvio Aranha de Moura.

Ata da 9.ª Assembléia Geral, da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 17 de Outubro, 1944.

Abrindo a sessão o Sr. Presidente deu a palavra ao Secretário-geral para a apresentação do expediente, que constou de diversas publicações e dos officios: da Sociedade Médica de S. Lucas, convidando para assistir a missa em louvor a S. Lucas, à 18 do corrente; da "Instituição de Assistência Social ao Psicopata", de S. Paulo, convidando o Sr. Presidente desta Liga, Prof. Henrique Roxo, a tomar parte na Semana de Higiene Mental; officio n.º 1.146, da mesma Instituição, datada de 11 de outubro corrente, comunicando haverem ventilado trinta e cinco problemas durante a Semana de Higiene Mental, não só na capital, como no interior do Estado de S. Paulo e fazendo referência ao envio das publicações já discriminadas; uma carta do Dr. Emílio Corbière, de Buenos Aires, solicitando a inclusão do seu nome como Membro estrangeiro (correspondente) desta

Liga, uma carta assinada por Nelly A. Fortuny, aluna do Seminário de Ciências de la Educacion de la Facultad de Humanidades de La Universidad Nacional de La Plata (La Plata — Provincia de Buenos Aires — Argentina), pedindo lhe serem remetidas tôdas as publicações (memórias, estatísticas, censos, leis, etc.) referentes à Assistência Social no Brasil; um telegrama, nos seguintes termos: "Sensibilizados agradecemos expressiva e honrosa solidariedade da Liga de Higiene Mental nas homenagens prestadas memória Miguel Couto por ocasião inauguração seu monumento. Saudações. Carlos Bastos Neto, Miguel Couto Filho".

Foi aprovada a seguinte proposta: "A Liga Brasileira de Higiene Mental aplaude com entusiasmo a obra meritória que está realizando a "U. N. R. R. A.", Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas, — a qual, dentre muitas outras atividades, se propõe a reintegrar cerca de 12.000.000 de europeus e cerca de 40.000.000 de chineses, social e economicamente, ajudando-os a voltar aos seus lares — Rio. 3 de outubro de 1944. ass. Laudelino de Oliveira Lima Filho".

Foram depois aprovadas as nomeações para Membros das Secções de Estudos dos Drs. Jesuino de Albuquerque (VII), Rodrigo Ulisses, Danilo Perestrelo da Câmara e Manuel de Oliveira Filho (VI), Dênis Malta Ferraz, Edgar Guimarães de Almeida e Augusto Luiz Nobre de Melo (V) e a do Sr. Alfredo Frederico Sedlmayer, para a secção VIII.

Em seguida o Sr. Presidente deu a palavra ao Prof. Dr. Adauto Botelho, Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais.

Sob o tema "Considerações sobre a Higiene Mental" apresentou uma ilustrada palestra o brilhante conferencista.

Expoz êle a relação da Higiene Mental com a Pedagogia, com a Moral, com a Lógica, com a Psicologia, com a Antropologia, com a Medicina social (especialmente na parte de profilaxia mental), com a sociologia e com a Medicina em seus diversos setores, sobretudo com a Psiquiatria.

Citando Repond, ressaltou os excelentes resultados obtidos

com o tratamento psicoterápico das anomalias do caráter nas crianças e suas perturbações psicopáticas, tais como tendência à introversão e ao autismo, pela análise dos sentimentos de inferioridade e culpabilidade, evitando-se a eclosão de perturbações mentais mais graves — fatos que levam a Higiene mental ao mesmo nível da profilaxia propriamente dita.

Relembrou o caso daquele nobre de Espanha mais tarde canonizado como S. João de Deus, e o de Clifford Beers — criando grandes surtos de expansão à Higiene Mental, enalteceu a “este grupo que não se abate e luta com paciência e com idealismo na praça forte da nossa “Liga”, citou os ambulatorios especializados, com técnicos, medicamentos e aparelhagem, que o Serviço Nacional de Doenças Mentais vem criando no País e anunciou a organização do Setor de Higiene Mental e Assistência Social da Secção de Cooperação do S.N.D.M., que se encarregará de receber sob o regime de internação aberta, doentes nervosos e mentais para observação, exame e tratamento, identificar, admitir e fazer triagem de psicopatas; amparar e assistir os egressos de nosocômios; organizar um patronato de egressos, levantar estatísticas e fichas heredo-biológicas de psicopatas alienados ou não; colaborar para a profilaxia das doenças nervosas e mentais, e estudar as causas das doenças mentais com objetivos sociais e eugênicos, etc.

O conferencista foi grandemente aplaudido.

O Sr. Presidente elogiou e agradeceu ao ilustre conferencista em nome da Liga. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, às 18 horas e 40 minutos.

Aprovada na Assembléia de 6 de março de 1945.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.

Ata da décima Assembléia Geral, da Liga Brasileira de Higiene Mental realizada a 7 de Novembro de 1944.

Aberta a sessão, o Sr. Presidente justificou a não apre-

sentação da Ata da sessão anterior, por não ter sido possível concluir a cópia das atas que estão sendo datilografadas no Instituto de Psiquiatria, para serem publicadas no próximo número dos nossos Arquivos. Deu em seguida a palavra ao Secretário-geral para a apresentação do expediente.

Constou do expediente uma carta do Dr. Paulo Pereira da Fonseca solicitando cópia do Hino anti-alcoólico e outras publicações da Liga. Em seguida o Sr. Presidente deu a palavra ao Dr. Flávio de Souza, Docente-livre da Universidade, Chefe de Clínica da Cátedra de Psiquiatria e Membro Titular desta Liga, afim de proferir a sua conferência sobre o tema inscrito: “O Instituto de Psiquiatria e seu papel na Higiene Mental”.

Fêz o erudito conferencista uma exposição sobre o Instituto de Psiquiatria — desde a sua criação, a 3 de agosto de 1938, pelo Decreto-lei n.º 591, — estudando uma a uma as três Divisões do Instituto e, discriminadamente, as suas respectivas secções.

Mostrou as grandes e reais vantagens do Serviço de Ambulatório mantido pelo Instituto, tanto no ponto de vista profilático, como social.

Apresentou a relação dos trabalhos científicos já realizados no Instituto, referindo-se a diversos, numerosos problemas de profilaxia psiquiátrica, que o Instituto está levando avante.

O Prof. Henrique Roxo agradeceu ao Dr. Flávio de Souza as referências feitas a ele como Diretor do Instituto.

Nada mais havendo a tratar, o Prof. Henrique Roxo deu por encerrada a sessão às 18 horas e 15 minutos.

Aprovada na Assembléia de 6 de março de 1945.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.

Ata da Décima-Assembléia Geral da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 12 de Dezembro de 1944:

Em abrindo a sessão, o Sr. Presidente congratulou-se com a Liga pela presença em sua séde do Meritíssimo Sr. Juiz de Direito, Dr. Nélson Hungria e dos proeminentes juristas Drs. Lemos Brito, Armando Costa e Roberto Lira.

Deu em seguida a palavra ao Secretário-geral para a apresentação do expediente, que constou da proposta do Dr. Paulo Pereira da Fonseca, solicitando a inclusão do seu nome como Sócio correspondente em Mogi-Mirim — São Paulo, do recebimento de diversas publicações e da leitura da Ata da Assembléia geral de 5 de setembro de 1944. Posta em discussão foi a referida ata aprovada com a inclusão dos louvores e parabéns do Sr. Presidente nessa sessão, ao Secretário-geral, por motivo da sua promoção por merecimento como médico-psiquiatra do M.E.S., palavras que o próprio Secretário-geral se excusara de assentar na Ata.

Em seguida o Sr. Presidente, voltando a tratar das personalidades notáveis dos Drs. Nélson Hungria, Lemos Brito, Roberto Lira e Armando Costa, houve por bem nomeá-los Membros Titulares da Secção de Estudos de Medicina Legal e de Prevenção da Delinquência desda Liga, sendo êste seu ato vivamente aplaudido pela Assembléia.

Todos os novos Titulares usaram da palavra, agradecendo e reiterando o seu apóio à Liga.

Logo após, o Sr. Presidente anunciou que a Assembléia ia ter a satisfação de ouvir a erudita palavra de um consagrado mestre — o Dr. Heitor Carrilho, — que aceitara, por êle convidado, fazer a conferência dêsse dia. O conferencista foi grandemente aplaudido. Prometeu entregar o trabalho escrito para publicação nos Arquivos.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.

Ata da Primeira Assembléia geral ordinária da Liga Brasileira de Higiene Mental, do ano de 1945, para a leitura do

Relatório e Prestação de contas, referentes ao ano de 1944, de acôrdo com o art. 24, parágrafo 1.º — realizada a 6 de março de 1945:

Aberta a sessão e explicados os motivos da mesma, o Sr. Presidente deu a palavra ao Secretário-geral para que apresentasse o expediente.

Leu então o Secretário geral as atas das Assembléias realizadas a 17 de outubro e 7 de novembro de 1944, respectivamente nona e décima Assembléia gerais do ano p.p.

Postas uma de cada vêz em discussão, foram aprovadas sem emendas.

Em seguida apresentou o Secretário-geral as publicações recebidas durante o período de férias da Liga.

Ainda no expediente foi apresentada a proposta para Sócio-efetivo da Liga, assinada a 19-12-1944, pelo Médico psiquiatra, Antônio Matos Muniz.

Logo depois, com a palavra, o Sr. Presidente fez a leitura do Relatório e expoz os documentos de despesa e receita referentes ao ano de 1944.

Foram indicadas como relatores, para darem parecer sobre esta prestação de contas, os Drs. Pedro Pernambuco Filho, Laudelino de Oliveira Lima Filho e Oto Prazeres.

No relatório sobre as atividades da Liga em 1944, o Sr. Presidente mostrou o grande desenvolvimento da Liga, não só do ponto de vista científico: 8 (oito) conferências, como do ponto de vista de serviços prestados: 5.872 (cinco mil, oitocentos e setenta e duas) consultas, em 1944 — para 4.362 em 1943, tende havido portanto um aumento de 1.510 consultas, o que representa um aumento de mais de trinta por cento com fornecimento de produtos químico-farmacêuticos e pesquisas de laboratório e exames radiológicos a um grande número de consulentes.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente encerrou a sessão, marcando antes o dia 13 de março para a Assembléia

Geral Ordinária, para a apresentação do Parecer sobre a Prestação de Contas de 1944.

Aprovada na sessão da Assembléia Geral Ordinária de 13 de março de 1945.

Henrique Roxo.
Silvio Aranha de Moura.

Ata da Segunda Assembléia Geral Ordinária da Liga Brasileira de Higiene Mental, do ano de 1945, realizada a 13 de março de 1945, para a apresentação do parecer sobre a Prestação de Contas do ano de 1944:

Aberta a sessão, o Presidente convidou para presidir a o Sr. Ministro Ataúlfo de Paiva, que, — após haver externado o júbilo que disse lhe ia na alma pela homenagem a ele prestada pelo Sr. Presidente, investindo-o na Presidência desta douta sociedade, — deu a palavra ao Secretário-geral para a apresentação do expediente.

Constou o expediente da leitura das Atas da Décima-Primeira Assembléia Geral do ano de 1944, realizada a 12 de dezembro de 1944, e da Primeira Assembléia Geral Ordinária do ano de 1945, realizada a 6 de março corrente. Postas em discussão, uma e outra, foram ambas aprovadas sem emendas; também foi aprovada a proposta do Cirurgião-Dentista Celso Ferreira Beranger para Sócio Efetivo da Liga.

Pedindo a palavra o Dr. Oto Prazeres, fez uma saudação ao Dr. Ataúlfo de Paiva, regosijando-se por sua presença e em seguida ressaltou o alto saber jurídico e a sua extraordinária capacidade de trabalho.

O Dr. Ataúlfo de Paiva, agradeceu e, frisando não o fazer em retribuição, disse lhe serem sobretudo tocantes as palavras pronunciadas por partirem de um homem também de grande força de trabalho e de inigualável capacidade criadora, como o Dr. Oto Prazeres.

Dada então a palavra ao Dr. Laudelino de Oliveira Lima Filho, que, com os Drs. Pedro Pernambuco Filho e Oto Pra-

zeres foram indicados como relatores do parecer sobre a Prestação de Contas de 1944, leu S.S. os seguintes termos por eles escritos e assinados:

— “Comissionados pela Assembléia de 6 de março de 1945, para examinar e dar parecer sobre o balancete da receita e despesa da Liga Brasileira de Higiene Mental, referente ao período de 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1944, declaramos que tivemos em nossas mãos e examinamos todos os documentos de caixa, desse período, encontrando tudo em perfeita ordem e exatidão, pelo que propomos seja aprovado o citado balancete, com um voto de louvor ao esforço do Sr. Presidente, Professor Henrique Roxo, que vem administrando com eficiência as finanças desta organização. Rio, 9 de março de 1945”.

O parecer foi aprovado unânimemente por uma salva de palmas.

Com a palavra de novo o Sr. Ministro Ataúlfo de Paiva disse querer salientar o seu voto de louvor à Diretoria, especialmente ao Sr. Presidente Prof. Henrique Roxo — alma da Sociedade — pelo Bem, Dedicção e Esforço prestados à Liga — “esse silencioso, que tanto nos custa, mas que conforta e estimula”.

A sessão foi encerrada às 18 horas e cinco minutos.
Aprovada em 15-5-1945.

Henrique Roxo.
Silvio Aranha de Moura.

Ata da Assembléia Geral da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 5 de abril de 1945.

Em abrindo a sessão o Sr. Presidente disse que, conforme fora anunciado, falaria o Docente da Clínica-Psiquiátrica, seu Assistente, Dr. Brahim Jorge, sobre um caso de neuro-lues tratado pela penicilina.

Deu em seguida a palavra ao Secretário-geral, afim de

apresentar o expediente, que constou da apresentação de publicações recebidas.

A seguir, o Prof. Henrique Roxo deu a palavra a Dr. Brahim Jorge, afim de realizar a sua anunciada conferência.

Sob o título "A penicilina na neuro-lues", o ilustrado conferencista apresentou a observação de um paciente pínico com evolução tórpida da doença de Beard, em cuja história (4 anos atrás) havia um acidente de automóvel, e que fôra recentemente examinado, com os seguintes sintomas: "humor triste, relaxamento dos esfínteres, solução, paresia esquerda, contraturas dos músculos com repuxamento dos lábios e distúrbio — sendo suspeito de um derrame".

Praticadas as pesquisas no líquor, que se mostrou turvo (punção lombar), resultaram: reação de Wassermann — positiva, com 2/10; reação de Nonne — positiva na 1.ª fase; reação de Pandy — positiva; leucocitose 30,0, e a curva coloidal: 13566643200.

Submetido o paciente ao tratamento pela Penicilina: intravenosamente aplicadas, de 4 em 4 horas, 20 mil unidades — injeções de 4 c.c., 5 mil unidades por c.c. (1000.000 em 200.000 de soro isotônico), 55 injeções (total 1.100.000 unidades) o Dr. Brahim Jorge, 48 horas após a 55.ª injeção punccionou novamente o enfermo, que aparentava, a seu ver, melhoras do estado somático.

As novas pesquisas acusaram: líquor límpido, reação de Wassermann — negativa até 1 c.c.; reação de Nonne — fracamente positiva; reação de Pandy — idem; leucocitose 6,0; albuminometria 0,10% e a reação coloidal 135666541000.

Animado com as melhorias, o Dr. Brahim Jorge fez novo tratamento (igual ao primeiro) até o total de um milhão de unidade: 50 injs. intravenosas de 20.000 unidades de penicilina, de 4 em 4 horas.

Em um terceiro exame do líquor foram êstes os resultados: líquor límpido; reações de Wassermann (até 1 c.c.) e de Nonne e Pandy — negativas; leucocitose 9,0; albuminometria 0,10%, — conservando-se a curva coloidal.

Tendo o Sr. Presidente posto em discussão o trabalho,

opinaram sobre êle o Secretário-geral da Liga e o Prof. Adauto Botelho. O Secretário-geral da Liga fez considerações sobre o traumatismo, ligando-o à evolução da doença atual, lastimou não haver sido a mais tempo punccionado o doente, necessidade precípua, a seu ver, ante qualquer dos sintomas neurologicos acusados ou mesmo, no ponto de vista psíquico, ante a modificação do humor do paciente, pois mais precocemente tratado, maiores certamente seriam os proveitos. Disse que o achado da negatividade da reação de Wassermann 48 horas após o término do tratamento é de certo modo interessante, mas como não é costume fazer-se nova punção para controle senão após o 40.º dia, ia punccionar os seus pacientes no dia imediato do término da aplicação do método usado em seu serviço e para novo controle no costumeiro prazo, fazendo portanto reservas quanto ao fato, pois as curvas coloidais continuam positivas, assim como a leucocitose.

E, dirigindo-se então ao Sr. Presidente, disse que uma vez que externara êsse assunto, já motivo de conversação entre ambos e de um convite do Sr. Presidente para fazer uma palestra na Liga, resolvia retirar a sua negação e aceitar o convite, afim de tecer comentários sobre a necessidade dos exames no líquor e tratamento precoce para a profilaxia das psicoses, na próxima reunião da Liga.

O Prof. Adauto Botelho disse achar a conferência mais interessante do ponto de vista médico propriamente dito, do que da Higiene Mental. Que se as reações líquóricas apresentaram algumas negatividades logo após o tratamento pela penicilina, não lhe parecia significar êste fato uma cura concludente como o assinalara o comentarista anterior, só tendo valor real se se mantivessem posteriormente negativas. E, quanto a sintomatologia do paciente, êste lhe parecia mais um caso de sífilis cerebral.

Como ninguém quizesse em seguida usar da palavra, o Sr.

Presidente deu por encerrada a sessão às 18 horas e 20 minutos.

Aprovada em 10-7-1945.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.

Ata da Assembléia Geral da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 15 de maio de 1945.

Em abrindo a sessão o Prof. Henrique Roxo, referindo-se à cessação da guerra na Europa, teve palavras de grande, justo entusiasmo e de merecido louvor para com os nossos soldados pela maneira patriótica e heróica com que se houveram nas lutas, infligindo derrotas sobre derrotas aos inimigos da humanidade.

Em seguida, após haver recebido uma calorosa salva de palmas pela sua oração, deu a palavra ao Secretário-geral para a apresentação do expediente.

Constou o expediente da leitura da Ata da Assembléia Geral de 13 de março, que, posta em discussão, foi aprovada sem emendas; da leitura da seguinte proposta assinada por Laudelino de Oliveira Lima Filho, Alfredo Frederico Sedlmayer e Artur Augusto de Oliveira Lima: — "A Liga Brasileira de Higiene Mental, solidária com a idéia de readaptação dos incapazes das forças armadas: — a) aplaude com entusiasmo as medidas que vêm sendo tomadas pelo Governo Brasileiro nesse sentido; b) registra um voto de satisfação por ter sido nomeado para presidir a Comissão oficial, que trata desse mister, o Capitão de Fragata, Nélson de Barros Vasconcelos, e c) convida o Capitão de Fragata Nélson de Barros Vasconcelos a entrar em contacto com a Liga, em ocasião oportuna".

Em seguida, o Secretário-geral da Liga, realizou a palestra sobre o assunto inscrito.

Apresentou o conferencista um grande número de Arquivos-clínicos de pacientes ingressados no seu serviço hospitalar

(Núcleo Rodrigues Caldas, da Colônia Juliano Moreira, do Serviço Nacional de Doenças Mentais).

Esses pacientes foram internados, uns por terem manifestado fobias, outros por terem tido ataques convulsivos, cometido repetidos erros de trabalho, mudado abruptamente de conduta e mostrado sintomas outros, bem considerados como um sinal de alarma. Todos esses pacientes, submetidos às rotineiras pesquisas no líquido, acusaram positividade forte ou média para paralisia geral ou para neuro-sífilis e foram tratados, com sucesso, pelo método da Piretoterapia-associada, tendo já obtido Alta, curados quasi todos.

Referiu-se ao método por ele instituído desde fins de 1937, na Colônia Juliano Moreira, método a que chamou Piretoterapia-associada, descrevendo-o, e sobre as modificações que tem introduzido ao mesmo. Em seguida reportou-se ao valor econômico e social que este tratamento precoce representa, e ao inestimável alcance do exame do líquido na profilaxia das psicoses portanto. Usaram da palavra após o Prof. Henrique Roxo, o Dr. Oto Prazeres e o Docente, Dr. Xavier de Oliveira, ressaltando alguns pontos da conferência.

Encerrando a Sessão o Sr. Presidente, Prof. Henrique Roxo, o Dr. Oto Prazeres e o Docente, Dr. Xavier de Oliveira, zação dessa sua palestra.

A Sessão foi encerrada às 18 horas e 40 minutos.

Aprovada em 10 de julho de 1945.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.

Ata da Assembléia Geral da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 10 de julho de 1945.

Aberta a sessão, foi assinalada a presença das ilustres educadoras, D.D. Helena Antipoff e Inês Besouchet, que externaram o desejo de contar com o apóio da Liga à Organização Pestalozzi e fizeram entrega de suas propostas para Sócios Efetivos da Liga.

Estas propostas foram lidas no expediente e aceitas por unanimidade. Em seguida o Secretário-geral fez a leitura das

Atas das Assembléias Gerais, realizadas a 5 de abril e a 15 de maio último, que postas em discussão e submetidas, uma e outra à aprovação, foram aprovadas sem emendas. Constatou ainda o expediente da apresentação da correspondência e de publicações recebidas de 16 de maio a 10 de julho.

Correspondência: telegrama do Prof. Adauto Botelho, Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, convidando para assistir a série de conferências do Dr. Rascovsky; carta do Dr. Fernando Gorriti, agradecendo a remessa dos Arquivos e dos Anais do Instituto de Psiquiatria e pedindo ser feita a correção do seu endereço; carta do Dr. Napoleão Teixeira, solicitando instruções a respeito de sua admissão como Membro da Liga; e carta do Dr. Alfredo Fernandez Verano, Presidente da Liga Argentina de Profilaxia Social, participando que no primeiro domingo do próximo mês de setembro será celebrado o Dia Antivenéreo na República Argentina (10.ª celebração anual) e convidando a Liga Brasileira de Higiene Mental a designar um representante para o referido certame.

O Prof. Henrique Roxo fez comentários econômicos sobre o grande alcance dessa celebração e disse ter esperanças de conseguir enviar um nosso representante a esses conclave que terá efeito em Buenos Aires a 3 de setembro próximo.

Em seguida, o Dr. Xavier de Oliveira, externando-se sobre as personalidades da psicóloga D. Helena Antipoff e do Prof. Lourenço Filho, propoz que a Liga os convidasse para realizar cada um, uma conferência nesta Liga. Tendo sido aprovada esta proposta o Secretário-geral prometeu enviar à D. Helena Antipoff um convite para a realização de uma conferência sobre os planos da organização Pestalozzi no próximo mês de agosto. E, em seguida, ao Prof. Lourenço Filho, a quem a Liga consultará sobre o tema da conferência, no caso de aceitar fazê-la.

Nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada às 18 horas e 5 minutos.

Aprovada em 31 de julho de 1945.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.

Ata da Assembléia Geral Extraordinária da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada em 31 de julho de 1945.

Após o expediente, o Sr. Presidente referiu-se à brilhante personalidade da conferencista do dia, Dona Helena Antipoff, a quem deu a palavra.

A psicóloga Helena Antipoff, que é a Diretora Técnica da Sociedade Pestalozzi do Brasil, começou por dizer que em seu nome e no da Sociedade Pestalozzi do Brasil, apresentava à Liga os seus agradecimentos pelo acolhimento que lhes dera. Disse ainda agradecer em seu nome o convite a ela dirigido pela Liga, afim de fazer a presente palestra, o que lhe enseja divulgar, em contacto direto com os membros da Liga Brasileira de Higiene Mental, alguns dos projetos, como as intenções e o espírito da Sociedade Pestalozzi do Brasil.

A sua esplêndida conferência será publicada na íntegra nos nossos "Arquivos".

O Sr. Presidente fez os merecidos elogios à conferencista, agradecendo-lhe o ter vindo fazer na sede da Liga, a citada conferência.

Em seguida o Sr. Presidente deu por encerrada a sessão às 18 horas e 30.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.

Ata da Assembléia Geral da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 6 de setembro de 1945.

Aberta a sessão, o Sr. Presidente informou do regresso dos Estados Unidos da América do Norte do Dr. Oswaldo Camargo e disse do grande prazer que experimentava ao vê-lo voltar ao nosso meio, anunciando que o Dr. Oswaldo Camargo, após o expediente iria usar da palavra, para fazer uma exposição sobre os estabelecimentos psiquiátricos e o desenvolvimento da Higiene Mental nos Estados Unidos, e deu então a palavra ao Secretário geral.

Com a palavra o Secretário geral leu a Ata da Assembléia geral do dia 31 de julho, reunida extraordinariamente para a recepção da ilustre psicóloga D. Helena Antipoff, Diretora da Sociedade Pestalozzi do Brasil.

Ainda no expediente, o Secretário Geral informou haver enviado um ofício ao Prof. Lourenço Filho — como fôra aprovado na sessão da Assembléia Geral de 10 de julho — convidando-o a realizar, na sede da Liga, uma conferência sobre assunto pedagógico, no mês de setembro, e fez a leitura da resposta do Prof. Lourenço Filho, que lamenta não poder no momento atender ao convite, devido aos seus múltiplos afazeres.

Terminado o expediente o Prof. Roxo deu a palavra ao conferencista anunciado. O Dr. Oswaldo Camargo disse então, resumidamente, o seguinte sobre o palpitante tema: — **A higiene mental nos Estados Unidos** é feita em moldes inteiramente modernos, tendo passado da fase de pura propaganda, que caracterizou o início do movimento chefiado, há 35 anos, por Clifford Beers, para uma etapa mais concreta de realizações práticas, sobretudo no meio infantil, onde os seus efeitos tem sido extraordinariamente vantajosos.

“As clínicas de higiene mental que antes existiam apenas junto aos hospitais psiquiátricos, são hoje parte integrante dos grandes hospitais gerais. O desenvolvimento que vem tendo a medicina psico-somática se reflete na formação do corpo clínico dos estabelecimentos, sejam médicos, cirúrgicos, ginecológicos ou de outra qualquer especialidade, havendo quase sempre um psiquiatra a postos para auxiliar o tratamento e fazer a higiene mental dos pacientes. Foram criadas seções de higiene mental junto às Cortes Juvenis. Existem clínicas de formação de hábitos nas creches e jardins da infância. Cadeiras de higiene mental nas escolas estão influenciando poderosamente no preparo do magistério. Também o problema dos pais não foi esquecido, havendo clínicas especiais, como por exemplo o Instituto de Higiene Mental de Washington, em que os médicos atendem aos filhos e aos pais, sendo que no ano de 1944 o número de consultas aos pais, atingiu

cerca de 60% do movimento geral da clínica.

“A difusão da higiene mental entre os elementos do clero é outro fator de grande sucesso, dada a valiosa influência que os mesmos exercem no seio da população. Na Universidade Católica da América a Cadeira de Higiene mental e a Clínica de orientação infantil estão entregues à competência do Sacerdote Dr. Thomas Moore.

“Um dos pontos interessantes do programa de atividades do Comité Americano de Higiene Mental tem sido a difusão de conhecimentos básicos da especialidade a toda classe médica, visando utilizar o “médico de família” como pessoa habilitada na solução dos problemas e conflitos emocionais dentro das pequenas comunidades onde não haja médicos psiquiatras. Daí a expansão da Cadeira de psiquiatria nas Escolas médicas, sendo que na Columbia University esse ensino é feito obrigatoriamente em 3 anos e na Cornell University em 4 anos, quando no Brasil ele é feito apenas no último ano, em um só período letivo.

“Os meetings regionais e os congressos anuais de especialistas em higiene mental são outros fatores estimulantes do progresso desse ramo da psiquiatria. A imprensa norte-americana vem colaborando com a maior boa vontade no ensino do público através de reportagens, entrevistas ou artigos que aparecem frequentemente nos grandes jornais e revistas. As autoridades prestigiam o movimento de higiene mental, e o público o apoia decididamente, contribuindo com largas somas de dinheiro para os trabalhos do Comité Nacional, que funciona em Nova York e cujo orçamento anual de despesas vai além de três milhões e duzentos mil cruzeiros.

Falou ainda o conferencista sobre as Sociedades locais de higiene mental que editam pequenos boletins informativos; sobre os jornais dos hospitais, para uso dos docentes e suas famílias; sobre os clubes dos ex-enfermos mentais; sobre as campanhas anti-alcoólicas e sobre as “clínicas ambulantes”, — como a mantida pela Sociedade de Higiene Mental de Maryland.

Após a sua conferência o Dr. Camargo fez entrega ao

Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, Professor Henrique Roxo, de duas mensagens enviadas por círculos científicos norte-americanos por motivo de seu jubileu como Professor catedrático da Clínica-Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. Assinadas respectivamente por Nolan Lewis — Catedrático da Universidade de Columbia e Diretor do Instituto Psiquiátrico de Nova York e pelo Dr. George S. Stevenson — Diretor-Médico do Comitê Nacional de Higiene Mental, ambas estas mensagens exprimem o grande aprêço em que é tida a colaboração do Prof. Henrique Roxo com as entidades americanas no campo de Higiene Mental e realçam a sua liderança no Brasil, ao mesmo tempo que fazem votos para que ele possa continuar dedicando o seu saber e os seus esforços em benefício da ciência médica na especialidade que, com tanto brilho vem cultuando.

O presidente, após agradecer ao conferencista, deu por encerrada a sessão.

Aprovada na Assembléia Geral de 6 de novembro de 1945.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.

Ata da Reunião dos Membros da Diretoria e do Conselho Executivo da Liga Brasileira de Higiene Mental realizada a 11 de setembro de 1945.

As 17 horas e 25 minutos do dia 11 de setembro de 1945, em sua sede social na Praça Getúlio Vargas n.º 2 — Edifício Odeon, sala 611, — presentes o Prof. Henrique Roxo — Presidente, o Dr. Silvio Aranha de Moura, — Secretário Geral e os Dr. Raul Jobim Bittencourt, Antônio Xavier de Oliveira, Laudelino de Oliveira Lima Filho, Júlio Paternostro e Adalberto Lira Cavalcanti — Membros do Conselho Executivo, o Sr. Presidente deu abertura à reunião dos Membros da Diretoria e do Conselho Executivo da Liga Brasileira de Higiene Mental, convocados para tratar de assuntos de administração interna.

Por proposta do Sr. Conselheiro Raul Jobim Bittencourt, o Conselho aprovou ser enviado um Ofício à Diretoria da Sociedade Pestalozzi do Brasil, dizendo da satisfação do Conselho em haver a Liga posto à sua sede ao dispor dessa Sociedade e comunicando que até 30 de novembro podia a Sociedade Pestalozzi continuar a ocupá-la, pois em dezembro iriam ter começo os trabalhos preliminares sobre o futuro Congresso de Higiene Mental, comprometendo-se o Conselheiro Raul Jobim Bittencourt a redigir o proposto Ofício.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

Henrique Roxo.

Silvio Aranha de Moura.



AVISO

A LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL mantém consultórios gratuitos, para as pessoas reconhecidamente pobres, os quais funcionam na Clínica Psiquiátrica, no Hospital Psiquiátrico e na sede da Liga, que é no Edifício Odeon.

Os médicos especialistas que dirigem estes ambulatórios, dão conselhos, orientam os doentes, fazem a diagnose e o tratamento de quantos os procurem.